



## **Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores**

### **Diário da Sessão**

**VI Legislatura**

**Número: 53**

**II Sessão Legislativa**

**Horta, Quinta-Feira, 22 de Outubro de 1998**

**Presidente:** *Deputado Dionísio de Sousa*

**Secretários:** *Deputados Guilherme Pinto e José Ramos Aguiar*

### **SUMÁRIO**

*Os trabalhos iniciaram-se pelas 10,25 horas.*

#### **Período de Antes da Ordem do Dia**

Após a leitura da correspondência, passou-se ao período destinado às intervenções de interesse político-relevante para a Região tendo proferido intervenções, a diverso título, os Srs. Deputados Paulo Valadão (*PCP*), João Forjaz Sampaio (*PS*), António Almeida (*PSD*), José Manuel Nunes (*PSD*), Madruga da Costa (*PSD*), Manuel Serpa (*PS*), Fernando Menezes (*PS*), João Cunha (*PSD*), Manuel Brasil (*PSD*), Victor Cruz (*PSD*), bem como os Srs. Secretários Regionais da Agricultura, Pescas e Ambiente, *Fernando Lopes*, da Habitação e Equipamentos, *José Contente*, e o Sr. Presidente do Governo Regional, *Carlos César*.

No **Período da Ordem do Dia** foram apreciados e votados os seguintes diplomas:

**- Proposta de Decreto Legislativo Regional - "Alteração ao Orçamento da R.A.A. para o ano de 1998,** apresentada pelo Sr. Secretário Regional das Finanças e Planeamento, *Roberto Amaral*.

De seguida, passou-se à discussão na generalidade e especialidade tendo intervido no debate os Srs. Deputados Alvarino Pinheiro (*PP*), Eugénio Leal (*PSD*), Paulo Valadão (*PCP*), Augusto Elavai (*PS*), Francisco Sousa (*PS*), bem como o Sr. Secretário Regional das Finanças e Planeamento, *Roberto Amaral*.

Submetida à votação foi a mesma aprovada, tanto na generalidade como na especialidade, por maioria

**- Proposta de Resolução da Mesa, declarando findo o Período Legislativo de Outubro.**

Posta à votação foi a mesma aprovada, sem discussão, por unanimidade.

*Os trabalhos terminaram às 13,20 horas.*

---

**Presidente:** Srs. Deputados, muito boa tarde.

Agradeço a vossa atenção para a chamada

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**António** das Neves Lopes **Gomes**

**António** José Tavares de **Loura**

António Manuel da **Silva Melo**

**Augusto** António Rua **Elavai**

**Carlos** Alberto da Costa **Fraga**

**Dionísio** Mendes de **Sousa**

**Fernando** Manuel Machado **Menezes**

**Francisco** Cardoso Pereira **Oliveira**

**Francisco** Couto de **Sousa**

**Guilherme** Marinho **Pinto** de Sousa

**João Carlos** do Couto **Macedo**  
**João** Manuel Pereira **Forjaz de Sampaio**  
José **Élio Valadão** Ventura  
**José Humberto** de Medeiros **Chaves**  
**José do Nascimento Ávila**  
**João Luis** Sanchez dos **Santos**  
**Luis** Machado **Resendes**  
**Manuel** Goulart **Serpa**  
Maria de **Fátima** Rocha Furtado Moniz **Sousa**  
Maria **Fernanda** da Silva **Mendes**  
Maria da **Natividade** da **Luz**  
**Rui Pedro** Lopes Machado **Ávila**  
**Vasco** Ilídio Alves **Cordeiro**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Aires** António Fagundes **Reis**  
Alberto Romão **Madruga da Costa**  
**Ana Carolina** Gomes da **Silva**  
**António** Manuel Silva **Almeida**  
**António** Manuel Goulart Lemos de **Meneses**  
**Aurélio** Henrique Silva Franco **da Fonseca**  
**Duarte** Nuno de **Ávila** Martins de **Freitas**  
**Eugénio** Manuel Pereira **Leal**  
**Francisco Xavier** Araújo Rodrigues  
**Humberto** Trindade Borges de **Melo**  
**João** Manuel Bettencourt **Cunha**  
**Joaquim** Carlos Vasconcelos da **Ponte**  
**José Ramos** **Aguiar**  
**José Francisco** Salvador **Fernandes**  
**José Manuel** Cabral **Bolieiro** Dias  
**José Manuel** Avelar **Nunes**

**José Maria Bairos**

**Manuel Teixeira Brasil**

**Manuel da Silva Azevedo**

**Mark Silveira Marques**

**Sidónio Manuel Moniz Bettencourt**

**Victor do Couto Cruz**

***Partido Popular (PP)***

**João Maria Fraga Greves**

**Nuno Alberto Barata Almeida e Sousa**

***Partido Comunista Português (PCP)***

**Paulo António de Freitas Valadão**

**Presidente:** Estão presentes 48 Srs. Deputados.

Está aberta a Sessão. Pode entrar o público.

Vamos passar à breve leitura da correspondência. Para o efeito tem a palavra os Srs. Secretários.

**Secretário** (*Guilherme Pinto*): Requerimento do Sr. Deputado do Partido Comunista Português, Paulo Valadão:

"Considerando que:

- a) - No dia 29 de Setembro de 1998 estava programado pela SATA o voo SP 540 Terceira-Flores, com saída da Terceira às 12H15 e chegada às Flores às 14H00.
- b) - O voo atrasou até aproximadamente às 16H00 altura em que cancelou e segundo informações da SATA, por más condições atmosféricas nas Flores.

Ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis requero, com urgência, que através do Governo Regional seja informado:

1º - Qual a causa do cancelamento do voo SP 540 de 29 de Setembro de 1988 no percurso Terceira-Flores.

2º - A aeronave que deveria efectuar esse voo que voos efectuou nesse dia e a que horas.

3º - No caso do cancelamento ter sido efectuado por razões atmosféricas no aeroporto das Flores que parâmetros dos diferentes METARS, entre as 14H00 e as 16H00, estavam fora dos limites de aterragem do avião ATP da SATA no aeroporto das Flores e qual o limite máximo normal desses mesmos parâmetros para a aproximação e aterragem daquela aeronave nesse aeroporto.

Assembleia Legislativa Regional, 21 de Outubro de 1998

**O Deputado Regional do PCP, Paulo Valadão."**

**Secretário (José Aguiar):** Do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata um Projecto de Decreto Legislativo Regional, sobre "Adaptação Fiscal"

**Presidente:** Vamos passar ao ponto seguinte do Período de Antes da Ordem do Dia, ou seja, às **intervenções de interesse político-relevante para a Região.**

Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Sr. Secretário Regional:

Tudo o que se prende com aeroportos constitui sem lugar para dúvidas matéria de grande interesse para a Região formada por ilhas servidas principalmente por transporte aéreo.

Por esta razão fundamental é sempre seguida com atenção, nesta Região, a actividade da ANA, EP, que para além de assegurar o controlo aéreo do Atlântico, na zona dos Açores e na aproximação aos aeroportos e aeródomos, gere quatro aeroportos (Santa Maria, Ponta Delgada, Horta e Flores).

Muitas vezes se discutiram nesta Assembleia problemas ligados ao controle aéreo e à gestão aeroportuária e neste último tema sempre se valorizou o carácter de serviço público que os aeroportos da Região têm que prestar.

Vêm estas considerações a propósito do Projecto de Decreto-Lei que cria, por cisão da Empresa Pública de Aeroportos e Navegação Aérea, ANA, EP, a Empresa Pública de Navegação Aérea de Portugal, NAV, EP, e procede à transformação da ANA, EP, em sociedade anónima com a designação ANA - Aeroportos de Portugal, SA; projecto este que está em tramitação e que neste momento se encontra em processo de consulta aos Órgãos desta Região Autónoma.

Para o PCP/Açores esta é uma matéria de grande importância para a nossa Região e não seria aceitável que fosse apenas referida e discutida em círculos mais fechados.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Temos informação que as estruturas representativas dos trabalhadores da ANA, EP, se manifestaram contra este projecto de Decreto Lei de divisão daquela empresa, receando não só pela estabilidade futura das relações de trabalho, mas também pela própria eficiência dos serviços prestados.

Sendo a ANA, EP, uma empresa de grande dimensão, é absolutamente claro que os vários sectores da empresa se apresentam devidamente organizados e bem coordenados entre si.

A divisão da ANA, EP em duas empresas - uma EP para controle aéreo e uma sociedade Anónima para os aeroportos - levanta desde logo a questão de coordenação desses dois sectores.

A transformação do sector aeroportuário em Sociedade Anónima, revela desde logo a intenção de proceder à privatização de pelo menos parte do capital dessa futura empresa que terá um capital social inicial de 39.110.343.000\$00 (trinta e nove milhões, cento e dez mil, trezentos e quarenta e três contos), valor atribuído ao enorme e importantíssimo património da sociedade.

A evolução neste sentido empresarial de direito privado com capital público ou com capital privado, põe tendencialmente em causa as características de serviço público que a lei comete a esta empresa o que pode vir a ser muito grave no futuro.

Neste contexto a situação dos Açores é especialmente grave.

A ANA, EP, gere os aeroportos de Santa Maria, Ponta Delgada, Horta e Flores.

Como se sabe estes aeroportos, em termos de dimensão, nada têm a ver nem com o aeroporto de Lisboa, nem com o do Porto e estão mesmo longe do de Faro.

Os chamados critérios empresariais, que nada têm a ver com a prestação de um serviço público, virão muito cedo a fazer com que a questão da rentabilidade dos aeroportos açorianos da ANA seja levantada. Nessa sequência corremos o risco da nova empresa querer, pelo menos em alguns dos aeroportos referidos, reduzir custos ou mesmo proceder à alienação.

Como já referi mais do que uma vez nesta tribuna, reduzir custos no que toca a operações aeroportuárias é o mesmo que reduzir os padrões de segurança das estruturas respectivas.

Se um aeroporto, por ser mais pequeno e gerar menos receita, não tem serviços de socorros, serviços de manutenção ou outros em grau suficiente, então quem paga por isso são os utentes, ou são as ilhas onde estão implantados esses aeroportos que deixam de oferecer o mesmo grau de confiança.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Sempre defendemos que os aeroportos da ANA, EP devem continuar ligados a essa empresa e manter o padrão de serviço que os caracteriza.

O PCP/Açores não vê nenhuma razão, nem económica nem social, para que a ANA, EP seja desmembrada e para que o sector aeroportuário passe a constituir uma Sociedade Anónima.

O PCP/Açores prevê, aliás, que esta transformação tem em si mesma o germe da desregulação e diminuição da qualidade do serviço prestado.

O PCP/Açores pensa mesmo que, no médio prazo, esta transformação prejudicará séria e profundamente os interesses da Região nesta matéria.

Por tudo isto manifestamo-nos contra a aprovação do Projecto de Decreto-Lei que o Governo da República preparou e afirmamos mesmo que só interesses que não o interesse público têm vantagens com esta medida.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado João Forjaz Sampaio.

**Deputado João Forjaz Sampaio (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

A aplicação generalizada da ciência e das técnicas de produção revolucionou os métodos e as formas tradicionais da produção agrícola, provocando na quase totalidade das culturas o início de novas formas de organização da produção que bem se podem comparar às adoptadas pela indústria.

Na realidade, a grande transformação das técnicas da produção agrícola e pecuária, tal como hoje em dia as conhecemos, só se afirmou e adquiriu a sua forma actual a seguir à II Guerra Mundial, graças ao progresso e desenvolvimento técnico estimulado pelo alargamento das ciências naturais.

A adopção de novas aplicações na agricultura e pecuária, provocaram profundas modificações nos sistemas produtivos e de transformação dos produtos obtidos nestes dois importantes sectores, propiciando a sua entrada no movimento geral industrial, cujo efeito mais visível era a da redução da mão de obra operária nos campos e na indústria, gerando assim para o sector, maiores lucros.

Assim, entramos na época das destilarias em substituição dos velhos alambiques, das fábricas de tabaco, beterraba, chicória e chá, que deixaram para trás os métodos artesanais de transformação; da utilização dos fertilizantes químicos, que vieram substituir os estrumes produzidos naturalmente; das grandes transformações e desbravamentos de terras incultas através de operações de arroteia com poderosas máquinas que aumentaram substancialmente a superfície agrícola útil, bem como proporcionando a possibilidade da mecanização das culturas pelo aumento das superfícies das parcelas a trabalhar devido à retirada das sebes ou bardos que as compartimentavam.

Na Região, estas operações de arroteia de incultos, tiveram o seu início na década de cinquenta, com o apoio financeiro da então Junta de Colonização Interna e técnico dos Serviços Oficiais.

Se de início, as arroteias não levantavam, na quase totalidade dos casos problemas quanto à possibilidade de introdução de futuros factores de risco, porque as áreas sujeitas a este tipo de intervenção se localizavam ainda em zonas de cotas baixas de pendentes reduzidas, a continuidade destas acções até há bem poucos anos, sem que fossem seguidas as orientações técnicas de um plano de ordenamento que não existia ou até de uma simples indicação com base no bom senso, levou à introdução, em quase todas as Ilhas do arquipélago de novos parâmetros culturais, os das pastagens, em tudo bem diferentes daqueles que lá existiam, na maior parte dos casos derivados da presença da vegetação endémica, noutros, mais raros, da existência dos povoamentos florestais cuja base era predominante a criptoméria.

Estas acções de transformação, muitas delas de duvidosa rentabilidade, das quais as arroteias são talvez as que maiores desequilíbrios provocam e que se manifestam com especial evidência durante as quedas pluviométricas mais fortes, provocando graves problemas e elevados prejuízos às nossas populações, são fruto de uma política sem



planeamento, que a todos desejava agradar e por mais que se deseje esconder, os maus exemplos estão bem à vista de quem anda pelo campo.

Relembro aqui, só para exemplo, a nefasta acção da extracção da pedra pomes, cujo envio posterior se fazia para a Inglaterra, em S. Miguel, da empresa designada por PEPOM e do panorama actual dessa mesma zona que teima em permanecer em grande instabilidade, mesmo depois de várias intervenções.

Na altura tudo eram facilidades e a gerar um sem número de empregos. Depois, mais tarde, quando a estrada das Sete Cidade, no local de extracção, até Ponta Delgada começou a ficar danificada e a estrada ia ser completamente arranjada.

O que é que se passou?

A empresa não arranjou a estrada e ficámos lá com uma zona totalmente erosionada e de difícil recuperação.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Em nosso entender, insiste-se por vezes na adopção de medidas pontuais, que embora importantes, não resolvem com carácter definitivo o problema, isto porque este tem a sua origem na actual ocupação cultural e ordenamento dessas zonas, especialmente das localizadas em altitude e que de futuro terão que ser forçosamente alvo de estudos e alteradas de acordo com as propostas recomendadas.

Naturalmente que outras acções terão que ser encetadas, como por exemplo a divulgação de normas e acções de divulgação junto dos agregados populacionais para que os residentes com prédios confinantes com os cursos de água, não aumentem os seus logradouros ou quintais, para além das áreas de protecção, estrangulando os leitos, com consequências imprevisíveis.

Porque não podemos continuar a aumentar os riscos de erosão destas e de novas zonas, congratulamo-nos com as várias propostas de diplomas sobre medidas a tomar nesta importante área e apresentadas a esta Assembleia pelo actual Governo do Partido Socialista.

Disse.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente.

**Secretário Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente** (*Fernando Lopes*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

São apenas umas breves palavras de esclarecimento, referindo-me a um ponto da intervenção do Sr. Deputado João Sampaio, nomeadamente as referências que faz, no que respeita à sanidade animal e ao esforço que se está fazendo neste momento.

Há duas vertentes dessa intervenção que eu queria aqui realçar, que são verdadeiras e queria complementar com números muito recentes.

No que respeita propriamente à brucelose, os números do terceiro trimestre que, aliás, posso dizer que só ontem é que tive acesso a eles, são extremamente satisfatórios, ou seja, o nível de rebanhos infectados desceu na Região para 1,16% e o número de animais positivos que rondava a casa dos milhares, foi até agora da ordem dos 800 e tal animais. Portanto, estamos numa fase de decréscimo da doença.

Mas, para além disto é importante referir que há outras condições sanitárias, nomeadamente aquela que hoje em dia mais preocupa os produtores de carne, que é a BSE e que também tem merecido a nossa atenção.

Eu, na última sessão legislativa, tive a oportunidade de dizer nesta Assembleia, respondendo a perguntas, de que, aquando da visita da Delegação da União Europeia a Portugal para inspecção das condições da execução do programa de combate à BSE, a Região Autónoma dos Açores iria estar presente.

Posso-vos dizer que, de facto, a Região teve presente através do Director de Serviços de Veterinária e que nessa altura foi chamado a atenção para o caso específico dos Açores, ou seja, por um lado, para as medidas que já estão tomadas e as que se estavam a tomar no que respeita à prevenção dos riscos da BSE.

Foi também pedido à missão que no relatório e na consideração que fosse feito junto da Comissão, que iria apreciar esse relatório, o caso dos Açores fosse considerado à parte.

Posso dizer que posteriormente a esta "demarche" e durante a deslocação a Bruxelas do Sr. Ministro da Agricultura o assunto voltou a ser colocado, nomeadamente ao Comissário Europeu responsável pela agricultura.

Neste momento, posso dizer que há condições reais ao nível da Comissão para encarar favoravelmente o fim destas "demarches". Isto quer dizer que os Açores têm legítimas expectativas de conseguir, no âmbito de quaisquer medidas que sejam tomadas relativamente a Portugal, um tratamento excepcional, ou seja, um tratamento coincidente com o facto de nos Açores não haver um único caso de BSE e de nos Açores estarem a ser tomadas medidas que são preventivas de qualquer risco.

Penso que neste momento estamos a caminho de conseguir, de facto, uma vantagem que, como eu disse aqui, vale mais do que muitos anúncios de jornal, mas que irá com certeza ser potenciada no futuro por uma campanha que permita explorar esta vantagem que é conseguida negocialmente junto da Comissão Europeia.

Era só, Sr. Presidente.

**Presidente:** Também para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Presidente do Governo Regional.

**Presidente do Governo Regional (Carlos César):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Gostaria de, em primeiro lugar, cumprimentar o Sr. Deputado pelo teor da sua intervenção e gostaria também de realçar o seguinte:

Não existe ao nível da União Europeia uma prática de excepcionar ou de facilitar as exclusão de regiões dentro dos mesmos países em relação a medidas como a eventualidade de ser decretado um embargo à exportação de carne em Portugal, daí a posição que a Região tem vindo a sustentar ser, naturalmente, no plano diplomático, no plano político e no plano do quadro da União Europeia, uma decisão difícil de conseguir e difícil de ser tomada, exactamente por essas razões.

Aquilo que eu desejo, em nome do Governo, tornar muito saliente, é que o Governo Regional, especialmente através do Sr. Secretário Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente, o Governo da República, através da nova equipe que gere o Ministério da Agricultura e Pescas, cuja sensibilidade para os problemas dos Açores é indiscutível e muito veio melhorar a compreensão e a forma como se situam estes problemas dos Açores na problemática agrícola portuguesa, ao nível da União Europeia, onde temos desenvolvido, quer ao nível da Comissão quer ao nível das direcções especializadas, diligências intensas nestas últimas semanas.

Isto significa que nessas diversas vertentes o Governo Regional tem utilizado todos os meios, toda a sua influência com rigorosa fundamentação técnica com a apresentação dum plano de medidas que permita que, no caso de ser decretado o embargo à exportação de carne do país, a Região Autónoma dos Açores venha a ser excepcionada. Se isso não acontecer não será por falta do grande empenho que o Governo Regional depositou nestas últimas semanas e nestes últimos meses nesta área.

Se isso acontecer será sem dúvida uma decisão quase inédita ou, pelo menos, pouco comum no quadro da União Europeia e de alcance económico, comercial e promocional dos Açores, de enormíssima importância, quer para a agricultura quer para a economia açoriana em geral.

Aquilo que eu desejo tornar claro, perante os Srs. Deputados, perante os açorianos e perante os agricultores e os lavradores açorianos, é que o Governo Regional, durante este período de negociação que tem estado em curso, não descansou um minuto, um segundo para defender os Açores neste processo que é tão complexo, que é tão difícil e que envolve interesses e decisões que não são domináveis pela Administração Regional. Muito obrigado.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado António Almeida.

**Deputado António Almeida (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Quero salientar a parte final da intervenção do Sr. Presidente do Governo, para lhe dizer que aqui nesta Assembleia vários deputados das várias bancadas já se pronunciaram sobre esta matéria, pedindo ao Governo uma intervenção enérgica em virtude de ser matéria que diz respeito a todos nós e não apenas a alguns.

Gostaria de lembrar que a Assembleia Regional ainda a semana passada se pronunciou através da Comissão de Economia, Finanças e Plano sobre duas iniciativas do Governo da República em relação às medidas complementares de combate à BSE e que mereceram desta Assembleia uma posição clara na defesa dos interesses dos Açores, inclusivé lembrando ao Governo da República uma rectificação ao preâmbulo dos

diplomas, no sentido de salvaguardar o facto de na Região Autónoma dos Açores não haver casos diagnosticados da doença e, como tal, não ser feita referência à existência dessa doença em todo o território nacional. Essa salvaguarda foi feita pela Assembleia Regional e penso que é um contributo desta Casa no sentido de que todos possamos estar unidos na defesa do interesse dos Açores.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Presidente do Governo Regional para esclarecimentos.

**Presidente do Governo Regional** (*Carlos César*): Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Longe de mim tentar deslustrar o empenhamento de todos os Srs. Deputados e de todos os partidos políticos nesta situação que é essencial, que é tremendamente importante para a agricultura e para a agro-pecuária açoriana.

Agora, como bem disse a Assembleia, a responsabilidade de lutar e de representar os Açores nas diversas instâncias e de fundamentar a nossa posição neste problema compete ao Governo Regional dos Açores.

Aquilo que eu procurei salientar foi exactamente o empenhamento que o Governo Regional dos Açores, ao nível diplomático e ao nível da sua representação directa ou indirecta, tem feito nestas últimas semanas, naturalmente com maior intensidade e vive com muita esperança e com muita confiança uma posição que venha a ser tomada, embora, como disse, excepcionar uma região no quadro dum país é muito difícil, como sabe, no quadro da União Europeia.

Nós mantemos a nossa pressão e continuamos a desenvolver todas as diligências que estão ao nosso alcance.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Almeida.

**Deputado António Almeida** (*PSD*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Sabendo que o esforço que a Região pode fazer nessa matéria junto da União Europeia não se faz apenas com reuniões informais, seria importante - e penso que o circuito é a apresentação dum documento técnico da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas junto da Direcção Geral de Veterinária que tem assento no Comité Veterinário Europeu

- fazer chegar a esta Assembleia qualquer documento de orientação técnica do Governo Regional sobre essa matéria, em virtude da própria Assembleia Regional ter estado envolvida nesta questão.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura Pescas e Ambiente.

**Secretário Regional da Agricultura Pescas e Ambiente** (*Fernando Lopes*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

A fase que atravessámos foi, como disse o Sr. Presidente do Governo, uma fase de trabalho a todos os níveis e em todas as frentes, passando, evidentemente, por um esforço que é um esforço de influência dos diversos canais, seja ao nível nacional seja ao nível comunitário e passando também por um trabalho técnico que, aliás, como eu disse na última sessão da Assembleia, já vinha a ser feito, porque não se começam a fazer análises de rações na véspera da visita da missão europeia. Começa-se a fazer análises de rações com anos de antecedência e nós começámos a fazer isso regularmente a partir do momento em que assumimos funções, porque achámos que era um factor de risco e, portanto, era importante fazê-lo.

Esse trabalho está, como aliás esteve à disposição da missão europeia, à disposição dos Srs. Deputados e será facultado para que tenham, de facto, conhecimento, do ponto de vista técnico, de que não há riscos ao nível da alimentação animal para os animais criados nos Açores.

Também ao nível técnico está a ser preparado - posso-lhe dizer que ainda não está terminado - o relatório, exactamente, pela Direcção de Serviços de Veterinária, da Direcção Regional de Desenvolvimento Agrário. Esse relatório, no fundo, permite consubstanciar num documento toda a informação que foi veiculada aquando da visita, e consubstanciar também uma descrição efectiva dos meios humanos, materiais e também legislativos que é possível empenhar na prevenção da BSE.

Posso dizer também que neste esforço, felizmente, não estamos sós. Foi com agrado, por exemplo, na última sessão do Fórum Agrícola 2000, no Pico, onde se discutiram questões relacionadas com a bovinicultura e com a ovinicultura de carne.

Tive o prazer de ver os Srs. Presidentes de Associações Agrícolas de S. Miguel, Terceira e o Presidente da Federação. Todos estavam presentes a unirem-se e a dizerem que estão com o Governo ao nível das medidas. Algumas delas são exigentes como, por

exemplo, as restrições à circulação de animais vivos significa que os nossos produtores durante bastante tempo vão ter de cortar com uma prática que vinha de trás, que era a importação de animais vivos para renovar os seus rebanhos.

Mas, os Presidentes dessas Associações, numa forma corajosa, disseram que estavam com o Governo relativamente a essas medidas, porque acima de tudo eles sabem que tomar essas medidas é prevenir contra um dos únicos factores de risco que não era controlado. Essa medida está a ser tomada.

No que respeita às medidas nacionais é obrigatório, como é evidente, que sejam submetidas a consulta dos órgãos próprios, nomeadamente à Assembleia Legislativa Regional e ao Governo Regional e cada um nos nossos lugares dissemos o que entendemos por bem na defesa do interesse regional.

Esses diplomas consagram a capacidade de adaptação e a capacidade de execução e também as adaptações orgânicas necessárias para que as medidas de prevenção, nomeadamente quanto à circulação de alimentos para animais vindos do exterior possam ser efectuadas com rigor.

Queria só terminar dizendo, e reforçando as palavras do Sr. Presidente, que temos fundadas esperanças de que se não vencermos a guerra, pelo menos demos passos importantes nesta batalha e a batalha é a defesa do carácter específico e único da produção animal na Região Autónoma dos Açores.

Outros passos se vão seguir, e como eu disse no Fórum Agrícola 2000 do Pico, um desses passos que é importante e que estará terminado até ao fim do ano, é o caderno de especificações para a certificação da carne açoriana.

**Presidente:** Agradecia que terminasse, pois está no fim do seu tempo.

**O Orador:** Termina já, Sr. Presidente.

Ainda até ao fim deste mês vai-se reunir mais uma vez a Comissão Técnica que reúne os diversos parceiros para prepararem esse caderno e o compromisso que eu tenho desses parceiros é que até ao fim do ano esse caderno de especificações estará pronto, ou seja, podermos entrar em 1999 com um conjunto de garantias, que depois todos nós temos que potenciar, que é único e que poderá iniciar uma nova etapa no que respeita à fileira da carne que permita o reforço da competitividade.

Sr. Presidente, muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado José Manuel Nunes.

**Deputado José Manuel Nunes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Tenho que reconhecer aqui o esforço feito pelo Governo Regional no sentido de promover a carne açoriana junto dos canais televisivos no Continente.

Digo isto porque sensivelmente aqui há uns dias atrás estava eu em Lisboa com cerca de 180 animais bovinos da Associação Agrícola do Corvo, quando a Sra. Ministra embargou aquela carne na Espanha.

Portanto, de facto, ouve o leilão que foi um sucesso. Devo dizer que vendi mais de 50 animais acima de 500\$00/kg, o que é muito bom e que é pena que as outras Associações Agrícolas dos Açores não façam o mesmo.

Agora, o que é, de facto, preocupante é que - e como o Sr. Secretário sabe este leilão de bovinos dos Açores decorre sempre no Parque de Palmela - neste momento suponho que ainda não está bem definido a situação do parque, ou seja, se o parque é da CAP se vai ficar para os Açores ou para quem é que é.

Portanto, era, de facto, importante que se desse um passo decisivo nesta matéria.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Almeida para esclarecimentos.

**Deputado António Almeida (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É óbvio que o processo de certificação da carne é da nossa total concordância e desejamos que quanto mais breve possível esteja a funcionar, mas entendemos que é apenas para uma fatia importante do processo da comercialização da carne dos Açores no exterior.

Gostaria de lembrar que, independentemente do que se está a passar em relação ao embargo espanhol à aquisição de carne de bovino de Portugal, é também apenas uma fatia das nossas preocupações nessa matéria.

Essencialmente o mercado de Lisboa e do Funchal são potenciais mercados da carne e dos bovinos da Região que nós não enjeitamos. Não é só por razões históricas, nem por razões de interesse económico que vão permanecer nos próximos anos a comercialização de animais vivos de carcaça e de carne.



Registamos que recentemente, e em relação ao protocolo ou ao acordo celebrado com a SONAE, se deixou um pouco atrás a preocupação da comercialização de carne desossada e embalada e como tal identificada e passou a ser aceite como produto a introduzir nas cadeias de carne da SONAE, a exportação em carcaça.

É óbvio que a exportação em carcaça se não foR fiscalizada e controlada na sua fase final, nenhum interesse terá para a Região Autónoma dos Açores.

Nós sabemos que as redes de distribuição do Continente têm interesses próprios e a partir do momento em que fazem o desmanche dessas mesmas carcaças estão a obter a maior valia que seria aquela desejável para reter na Região Autónoma dos Açores.

É, obviamente, uma cedência no âmbito do protocolo da SONAE que penso que deve merecer a nossa atenção, para saber que política para a comercialização da carne dos Açores deverá ou não ser adoptada.

De qualquer forma tivemos também conhecimento que houve uma interrupção clara do protocolo da SONAE na aquisição de peças da Região Autónoma dos Açores. Foi-nos dito por algumas associações de agricultores que comercializam carcaças e carne com o grupo SONAE. Isto é uma preocupação que, pelos vistos, permanece.

Temos também informações de que a SONAE irá reiniciar esse circuito de aquisição, mas estamos é preocupados que não nos situemos apenas no processo de certificação. É preciso identificar os locais de venda da carne dos Açores e isso, infelizmente, não acontece, nem no Continente nem na Madeira. Isso preocupa-nos, porque é uma medida que pode ser assumida rapidamente e não deve sequer aguardar por qualquer processo de certificação.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente.

**Secretário Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente** (*Fernando Lopes*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Somente para um esclarecimento final nesta série de intervenções.

Desde a primeira hora, desde a hora em que o Governo Regional trouxe a esta Assembleia o seu Programa de Governo, que é bem claro que existe uma estratégia, que existe um fim, que existem meios definidos para reforçar a competitividade da carne açoriana. Essa estratégia passa inevitavelmente por diversas frentes.

Quando falamos duma das frentes, é evidente que não podemos estar a referir todas as outras ao mesmo tempo, mas elas são parte dum conjunto de acções e temos dado ênfase especial à sanidade. Hoje aqui falámos especialmente de sanidade, porque a sanidade é um valor acrescentado que nos permite depois potenciar outras acções.

Eu disse no Pico no Fórum Agrícola 2000: "nós não podemos vender aquilo que não temos". "Devemos vender aquilo que temos e o que temos é qualidade. Se temos qualidade, temos de a garantir".

Como é que a garantimos?

Em primeiro lugar, garantindo que os nossos animais e os nossos rebanhos tenham características e modos de produção tradicionais, e isso é garantido através do processo de certificação.

Garantindo que os nossos animais e os nossos rebanhos estão livres de brucelose. Isso garantimos.

Garantindo que na Região não há perigo e não há um único caso de BSE. Estamos a garantir isso e estamos trabalhando nesse sentido e foi esse ponto que desejámos frisar neste caso particular, porque neste preciso momento o risco, como foi aqui dito, das acções do embargo espanhol concentram-se especialmente no caso da BSE.

Nós sabemos quais foram os custos para a Região, qual foi a redução de preços que se verificou aquando da última crise da BSE.

Nós sabemos os prejuízos que os Srs. agricultores sofreram e o que todos nós dissemos. Todos nós dissemos que esperámos até há última da hora para depois ir publicar uns anúncios nos jornais.

Não quisemos agora repetir esses mesmos factos, ou seja, começámos com a devida antecedência a tomar medidas e nesta fase actual, actuámos duma forma decidida em todos os canais: canais diplomáticos, canais técnicos, junto do Governo Nacional e junto da Comissão Europeia, em concertação com a Concertação Social, ou seja, procurámos que em todas as frentes todos tivéssemos unidos na defesa daquilo que é fundamental para os Açores e que é, do ponto de vista económico, reforçar a competitividade dos seus sectores tradicionais, neste caso o sector da carne.

Era só isto que eu queria dizer.

**Presidente:** Parecendo não haver mais intervenções relativamente a este assunto, vamos passar às inscrições.

Tem a palavra o Sr. Deputado Madruga da Costa.

**Deputado Madruga da Costa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo;

O sismo de 9 de Julho passado alterou tão profundamente a vida das populações das ilhas mais directamente afectadas, que não é possível deixar passar ocasião alguma sem aproveitar para dar voz aos múltiplos problemas que diariamente surgem, que afligem as populações e para que é necessário encontrar resposta com a maior urgência sem escamotear as questões, aceitando que os problemas da reconstrução impõem um esforço conjugado e coordenado em várias frentes e em simultâneo.

A propósito do diploma que estabelece medidas de apoio à reconstrução, reabilitação, reparação, aquisição e construção de habitações - enumerado propositadamente as cinco situações contempladas neste diploma - já teve a Assembleia oportunidade de debater e se pronunciar sobre aspectos fundamentais do que conhecemos e se tem vindo a chamar reconstrução. Isto não exime, porém, de continuar a ter estas matérias em atenção, fazendo delas uma constante preocupação.

É, todavia, compreensível que sejam os deputados das ilhas mais afectadas pelo sismo os que para esta Casa podem carrear um conjunto mais alargado de informação no sentido de promover a reflexão, o debate e o esclarecimento que é necessário e útil nesta matéria, que não é, como nenhuma outra, nesta Casa, tabu e sobre ela é possível questionar e opinar sem que sempre se obtenha a resposta agastada de quem, porventura, se julga acima da estrita obrigação do respeito que a todos nesta Casa estamos obrigados.

Pela minha parte não deixarei, em nenhuma circunstância, de pedir os esclarecimentos que julgue necessários ao desempenho das funções para que fui eleito e assim cumprindo o que de mim se espera, enquanto deputado desta Casa.

Pena é que os requerimentos que apresentámos não sejam prontamente respondidos por quem tem esse dever, preferindo antes dar resposta por outra via e por quem tem a responsabilidade de ordem técnica e dentro dessa área se deveria ater. É um procedimento que não pode deixar de ser censurado.

**Deputado Manuel Azevedo (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Passaram três longos meses sobre a madrugada de 9 de Julho.

Dói passar pelos locais mais atingidos.

É penoso testemunhar o desalento de muita gente.

Custa encarar o desânimo, onde tanta esperança e confiança seria necessária.

Penaliza ouvir queixas a quem precisava apenas e só duma informação certa, dada por quem está pago para a dar.

Infelizmente, pelo que vamos sabendo, a informação é escassa e em alguns casos nem sequer respeita o espírito e a letra do que nesta Casa aprovámos e que tem que ser escrupulosamente respeitado sob pena de ser a própria Administração que se desacredita e se desautoriza.

Talvez, seja daqueles que gostaria de ver as coisas andarem um pouco mais ligeiras. Não é defeito.

Defeito seria não perguntar por que se fazem passar pelas casas das pessoas equipas técnicas, que se sucedem em vistorias e medições de que se não conhecem resultados?

Defeito seria não querer saber por que razão se pedem às pessoas que preencham formulários sem que antes saibam qual a avaliação tecnicamente fundamentada do estado em que se encontram as suas casas, nos diversos graus de ruína ou que apresentem maiores ou menores prejuízos e quais as obras que é necessário realizar, para garantir a sua reconstrução, reabilitação ou reparação, respeitando normas de salubridade e segurança.

Defeito é não interrogar sobre quais as modalidades de intervenção que vão ser utilizadas para garantir uma rápida reconstrução.

Defeito é não querer saber, para além da regulamentação sobre o decreto legislativo regional, aqui aprovado, quais as regras que irão seguir-se para que cada sinistrado ou beneficiário saiba com o que conta e, convenhamos, que já vai sendo tempo disso.

Mas, sobretudo, defeito seria não me empenhar com seriedade e sem qualquer sectarismo de que, aliás, temos dado provas, com dedicação e interesse numa tarefa que é de todos e não apenas de alguns.

Nesta matéria, como em tudo, Sr. Presidente e Srs. Deputados, não há iluminados, o que conta é a humildade democrática com que se ouvem os outros, que nem sequer

pretendem sempre ser críticos, mas apenas cumprir, na perspectiva dos valores que defendem, o seu dever e a função que aqui os traz. Fazemo-lo nesta instância.

Naturalmente que os deputados do Partido Socialista utilizam outros canais para fazer chegar ao seu Governo as suas opiniões e suas preocupações. Nem sequer me passa pela cabeça que a bancada do Partido Socialista pudesse ter que inventivar o Governo por aquilo que faz ou não faz. Cumpre o seu papel e os Srs. Deputados, sem dúvida, cumprem o seu.

Nós que estamos na oposição não temos outro lugar, para dar voz àquilo que nos chega, senão esta tribuna e esta Casa.

Sem perder de vista a necessidade imperiosa de dar abrigo aos que não têm, é necessário também acudir à reparação de caminhos agrícolas e florestais, à reconstrução e reparação de reservatórios de águas e bebedouros, como forma também de ajudar a reconduzir à completa normalidade à actividade agro-pecuária e ao pedido que já há tempos foi formulado pela Associação Agrícola da Ilha do Faial, em documento apresentado ao Secretário Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente, e em que também se pedem outros apoios de carácter financeiro para as actividades que aquela Associação desenvolve.

Espero bem que, no seguimento da reunião recentemente realizada com o responsável pelo sector, a Associação veja satisfeitas as suas pretensões, nomeadamente o apoio para aquisição de alimentos compostos para o gado, o apoio para suportar os encargos com o serviço de ensiminação artificial e ainda para a contratação de técnicos necessários ao bom desempenho das suas actividades.

Penso que seria útil, volto a dizê-lo, promover o aparecimento de normativos que contemplem os apoios aos edificios classificados, às igrejas e às ermidas, às capelas e casas do Espírito Santo, bem como aos apoios destinados à reconstrução, reabilitação ou reparação das casas, propriedade dos nossos emigrantes e propriedade de residentes fora das ilhas afectadas pelo sismo. É importante também que estas pessoas saibam com o que podem contar.

Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Acredito que é possível, com verdade e com justiça, realizar uma reconstrução com largueza de vistas, sem que ninguém fique prejudicado, antes procurando ajudar os que mais precisam e os que mais necessitam.

Sem dúvida que a reconstrução não deve servir de arma de arremesso para ninguém, mas também não se poderá permitir que ela venha a ser bandeira eleitoral para alguns.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador;** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Gostaria apenas de me referir, nesta oportunidade e após estas referências que faço às questões do sismo, a uma questão que aqui foi ontem levantada pelo Sr. Deputado Manuel Serpa, quando se referiu ao "estilhaçar da triologia".

Ainda bem que o Sr. Deputado Manuel Serpa apenas diz que foi estilhaçado, porque estilhaçar não é quebrar e quebrar não é partir; estilhaçar é apenas fragilizar.

Penso que é bom que se reflectam estas coisas, porque elas têm um peso e um valor histórico que não significam amordaçar nem diminuir ninguém, significam aquilo que foi, inclusivamente, há pouco tempo acolhido no nosso próprio Estatuto e significou uma aposta que se fez. Terá os seus defeitos, mas penso que a via certa é reforçar o investimento em cada uma das nossas ilhas, fazê-las promover, porque, por mais voltas que demos na nossa Região, ainda a realidade ilha é o mais importante.

Permita-me que lhe diga, Sr. Deputado, com toda a consideração que tenho por si, que a experiência que temos vivido ao longo destes 20 anos, que nos ensina, que não vale a pena estilhaçar muito rapidamente, porque às vezes a juntar os cacos é mais difícil. É preciso ir com cautela, de forma a que a passagem dum sistema para o outro, duma situação para outra, possa encontrar, em todas as circunstâncias, a melhoria de condições do nosso desenvolvimento e da vida do nosso povo.

Não tenho dúvidas que é isso que o Sr. Deputado pretende para a Ilha do Pico, tanto quanto eu pretendo para a ilha do Faial e, neste caso concreto, nem os madalenas nem faiais ficarão prejudicados.

Se me permitem, Sr. Presidente e Srs. Deputados, mais uma nota, que vem também no seguimento daquilo que já muitas vezes conversei com o Sr. Deputado Manuel Serpa.

Era urgente que se caminhasse na Ilha do Pico para a constituição de um museu dedicado ao esforço missionário dos açorianos e mais propriamente dos picoenses, naquilo que foi o padroado português.

Vai ficar muito da portugalidade em Macau, não tenho dúvida, como ficou talvez em Goa, mas o que lá ficar é sem dúvida nenhuma a grande presença da Igreja e da missionação portuguesa em terras de África, da Índia e da China e nesse esforço estão indelével e indissociavelmente ligados aqueles que destas ilhas ali aportaram num sacrifício das suas vidas a favor de um ideal.

Além do mais, esta seria a grande homenagem que esta Região deve a D. José da Costa Nunes e que ainda lhe não foi feita.

Vamos tentar que esta nossa geração saiba honrar os seus maiores e esta figura grande de açoriano e português que foi D. José da Costa Nunes.

Sr. Deputado, se no estilhaçar não estou consigo, na de insinuação estamos de acordo.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos da bancada do PSD e do Sr. Deputado João Greves)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos antes da teoria dos estilhaços, mas lá chegaremos provavelmente.

**Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Eu ouvi com muita atenção a intervenção sempre sincera e benevolente do Sr. Deputado Madruga da Costa e gostaria de dizer que, de facto, em relação à reconstrução nós temos, de acordo com aquilo que eu ontem já informei nesta Câmara, um plano traçado que, em primeiro lugar, se preocupou e ocupou com as questões do realojamento.

Simultaneamente teve e continua a ter algumas equipas técnicas, que são fundamentais para se fazer um levantamento certo e esse levantamento tem a ver com várias coisas, não só na primeira fase com a quantificação da percentagem dos estragos, como numa segunda fase pela verificação das intervenções necessárias e suficientes para se fazerem memórias descritivas e para se poderem fazer intervenções condizentes com o grau de

segurança dos edifícios, que são muitos, são múltiplos e com muitas e variadíssimas situações, porque se no Faial nós temos situações de edifícios estruturais antigos na cidade da Horta que vão ter um determinado tipo de tratamento, quando nós chegamos às freguesias há casas que são completamente para construir e há outros com outro tipo de intervenção, nomeadamente - e só para dar um exemplo - com a utilização específica de malhas de aço para revestir as casas, garantindo segurança estrutural de acordo com a análise técnica feita, quer pelo Instituto Superior Técnico, quer pelo Laboratório Nacional, quer pelo Laboratório Regional, quer pelos Engenheiros que estão associados a esta área.

De qualquer maneira, como ontem não tive tempo, gostaria de dizer que também até ao dia 15 de Novembro estão em curso a conclusão dos processos do Faial, cujo levantamento está terminado.

Portanto, nós temos, no âmbito do CPR, e cuja Comissão da Assembleia Legislativa Regional terá oportunidade hoje de poder ver todos esses processos, para cada caso a inventariação feita em termos dos estragos e da intervenção que é preciso fazer. Claro está que há aqui um tempo que medeia entre esse trabalho de planeamento que teve de ser feito.

O orçamento que vai ser proposto à Assembleia Legislativa Regional só para a área da habitação são 2,7 milhões de contos para o ano de 99, onde se vai materializar toda esta legislação que aqui foi aprovada, independentemente da nossa leitura sobre o diploma não ser a restritiva. O nosso problema é exactamente ao contrário.

Nós comprometemo-nos com a Assembleia Legislativa Regional a trazer aqui a esta Casa situações que, sob o ponto de vista da prática, pudessem desvirtuar a interpretação do diploma e vai haver situações complicadas. Poderia relatar inúmeras. Já sei algumas do tipo de: levantamentos que inicialmente foram feitos com determinados agregados familiares, há algumas pessoas que agora entenderiam que saindo dessas casas teriam uma comparticipação mais elevada, porque entretanto o agregado familiar teria, nessa altura, um quantitativo e um valor mais elevado e a percentagem aplicada às casas era menor.

Há também casos de migração entre as duas ilhas, de pessoas que aumentam o agregado familiar exactamente para terem uma comparticipação mais alta.



Portanto, há inúmeros casos que vão ocorrer, alguns que a lei prevê, outros os regulamentos não-de prever e outros ainda, como acontece em várias circunstâncias deste tipo, não-de ficar sem ser possível de fiscalizar e de verificar.

**Presidente:** Sr. Secretário, já ultrapassou o seu tempo.

**O Orador:** Terminou já, Sr. Presidente.

A nossa preocupação, em termos da reconstrução, é efectivamente termos um plano para que, na data da aprovação do Plano e Orçamento, o lançamento das empreitadas ou as pessoas que já querem fazer por sua iniciativa tenham exactamente tudo definido e saibam para onde é que se não-de dirigir e o que é que não-de fazer. É nessa situação que nós estamos a trabalhar.

Provavelmente, nós temos o mesmo sentimento que alguns daqueles que pensariam que, pelo facto de haver materiais fora das portas, as coisas já estavam em andamento. Não é essa a nossa metodologia.

Nós sempre dissemos que a metodologia de intervenção nesta crise sísmica não é a metodologia de intervenção do sismo da Terceira.

Nós temos toda a legitimidade de termos a nossa metodologia, porque o que nos interessa também é o resultado final e estamos convencidos que, com este tipo de planeamento atempado, vamos garantir, não só a renovação do parque habitacional degradado do Pico e do Faial, sobretudo daquele que foi afectado, como vamos garantir para o futuro a segurança para que noutra crise sísmica essas casas não sejam afectadas.

É com esse norte que nós estamos a trabalhar e é com essa responsabilidade que nós estamos também a trabalhar no dia-a-dia para que as coisas corram melhor para todos, ou seja, para que todos os açorianos afectados por esta crise tenham condições de habitabilidade e de segurança como invoca o próprio diploma no seu preâmbulo e de uma vez por todas resolvamos mais estes inúmeros casos do sismo de 9 de Julho, que afectaram a Região Açores.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Serpa.

**Deputado Manuel Serpa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Deputado Madruga da Costa:

No mesmo tom, queria-lhe dizer que sou do tempo em que para se estudar só se podia vir para o Faial. Sou do tempo em que para comprar uns sapatinhos pelo Espírito Santo teríamos de vir ao Faial.

Os ponteiros e os relógios da história andaram muito.

Hoje isso não é preciso, felizmente, nem uma coisa nem outra, porque o ensino existe de alguma maneira e comércio nós temos e do bom, mas isso não evitou que, mais do que nunca, se atravessasse este canal. Isso não fez com que, mais do que nunca, as pessoas se entrelaçassem entre o Pico e o Faial e estabelecessem um canal de fraternidade, de amizade e até trocas de tanta coisa e hoje até acontece que há gente que vive no Pico e trabalha no Faial e vice-versa. Portanto, as coisas mudaram muito.

Eu ontem quando intervi quise dizer apenas que há coisas que já deviam ter sido resolvidas, porque são fundamentais, importantes e pequenas. Dei o exemplo da museologia. Quero dar outro agora:

Uma ilha que tem 12 filarmónicas, 10 ranchos folclóricos, um bom grupo de cantares, um grupo de teatro, 3 tunas, não pode ter uma casa de cultura? Porquê?

Mais:

Com uma pequena medida da Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais, consegui fazer-se com que, por exemplo, o Dr. Luís Decq Mota vá ao Pico de 15 em 15 dias e as grávidas não atravessem o canal para vir ao Faial mês a mês. Uma pequena medida de libertação.

Eu sou favorável a que a marina da Horta cresça cada vez mais, porque o Faial merece.

Eu sou favorável a que o Pavilhão dos Açores venha para o Faial, porque ele merece.

Eu não tenho nenhum amigo meu que venha ao Pico e que não conheça o Faial que não o traga aqui, porque gosto de trazê-lo e o Sr. Deputado Fernando Menezes é testemunha, porque eu ando com os carros dele como também ele anda com os meus.

Portanto, isto são coisas, de facto, que nós temos de pensar e repensar.

As ilhas têm as suas apetências. As ilhas têm as suas capacidades. Eu vivo numa ilha que tem apetências e capacidades e eu tenho de lutar por elas, porque são únicas, são singulares, tem uma montanha, tem baleação, tem vinhas, tem um sabor especial, tem um interior lindo, tem pedra, tem coisas que apetecem e até podem apetecer apenas

singularmente. Por isso é preciso ter um aeroporto, por isso é preciso lutar por outras coisas, porque nós ainda não conseguimos tudo.

É preciso é entender que nós somos todos irmãos uns dos outros, mas quem tem capacidade, quem tem apetência tem de ser devidamente respeitado.

Foi nesse sentido que eu fiz a minha intervenção.

Algumas coisas, de facto, têm de ser estilhaçadas, porque isso é importante para a ilha onde eu nasci e que defendo, neste momento, como muito gente.

**Vozes da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Menezes.

**Deputado Fernando Menezes (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para começar e na qualidade de testemunha do Deputado Manuel Serpa, é verdade o que ele disse.

Noutra qualidade, queria começar por felicitar o Sr. Deputado Madruga da Costa pelas suas palavras sóbrias, cordatas sobre a realidade que estamos a viver em resultado do sismo e também agradecer a forma como se dirigiu aos deputados do PS desta Ilha, reconhecendo também o nosso trabalho, o nosso apoio e, enfim, a nossa ajuda na interpretação de alguns aspectos mais controversos deste diploma.

Partilho, Sr. Deputado, como sabe e temos falado várias vezes sobre isso, também das preocupações que aqui foram explicitadas.

Estamos perante um diploma complexo e perante situações complexas, daí que por vezes a aplicação concreta daquele normativo seja difícil e eu próprio, que tenho algum treino disso, vejo-me por vezes confrontado com situações difíceis. Ainda agora me contaram uma aqui fora da porta que metia um curral e uma parede e que, de facto, me causou alguma preocupação interpretativa.

Queria, portanto, dizer ao Sr. Deputado que, pela minha parte, tenho estado e estarei sempre disponível para apoiar em tudo o que for necessário dentro dos meus conhecimentos em relação a essa matéria.

Queria sublinhar aquilo que acabou de dizer o Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos acerca da filosofia deste diploma e o Sr. Secretário disse claramente:

"garantir as condições de vida, salubridade e segurança". Isto é importante, porque a filosofia daquele diploma é mais do que realojar ou reconstruir.

Finalmente queria também informar o Sr. Deputado, porque levantou essa questão aqui, que tenho conhecimento, através do Sr. Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais, que está já em elaboração e em fase final um diploma para as igrejas, para os impérios do Espírito Santo e para associações desportivas, recreativas e culturais.

Também posso informar esta Câmara que, relativamente às igrejas, foi já estabelecido um contacto com a Diocese em relação à reconstrução, bonificações, participações, apoios, fundos perdidos, etc.. Portanto, esse contacto também já foi feito e há, digamos, um pré-acordo entre a Diocese e o Governo Regional sobre essa matéria. Penso que este é um assunto importante que merecia ser aqui esclarecido.

Sr. Deputado, uma última palavra:

Espero que as suas e as nossas preocupações possam ser traduzidas num orçamento que daqui a dias será aprovado nesta Casa.

**Deputado Rui Pedro Ávila (PS):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado João Cunha.

**Deputado João Cunha (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Pedi a palavra primeiramente para dar uma resposta ao Sr. Deputado Fernando Menezes que ontem não pude dar, dado que o debate derivou para uma outra questão, mas não queria deixar de lhe dizer o seguinte, já que se voltou a tocar no assunto da reconstrução:

Sr. Deputado, eu não recebo de si instruções sobre reconstrução. Sabe porquê? Primeiro porque já fui duas vezes sinistrado - isto é relativamente à sua conversa de ontem e o Sr. disse-me que fazer reconstrução não era dar sacos de cimento, não era por brita, etc. - e depois porque me vi envolvido na reconstrução pelos afazeres profissionais que tinha na ocasião.

Reconstruir é simples, quando se quer e quando se tem vontade política, daí que também tenha pedido a palavra para contestar aquilo que disse o Sr. Secretário da Habitação e Equipamentos, porque já foi aqui reconhecido que já circularam pelas zonas sinistradas desta ilha, do Pico e de São Jorge técnicos que já avaliaram as

situações e já têm, digamos assim, o diagnóstico de muita casa daquelas que foram sinistradas.

Eu pergunto ao Sr. Secretário o seguinte:

Com o diagnóstico elaborado já não se poderia ter posto a andar muitas das obras que são necessárias fazer nas zonas sinistradas? Já se podia ter posto. Agora, o que realmente o Sr. Secretário pretende é envolver as pessoas numa malha de processos, numa burocracia de papéis e entalá-las dentro dessa questão e não por as obras a andar devidamente, porque eu tenho a certeza que determinadas obras já poderiam estar em vias de resolução.

Era só.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Madruga da Costa.

**Deputado Madruga da Costa (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Não tenho muito mais a acrescentar, mas, no seguimento dos esclarecimentos prestados pelo Sr. Secretário Regional da Habitação e Equipamentos, gostaria de dizer o seguinte:

Eu não ponho em dúvida os esclarecimentos e as questões que põe e do serviço que está a ser feito pela sua Secretaria e pelo Gabinete de Promoção da Reconstrução.

O que efectivamente se verifica é que muitas pessoas que se dirigem àquele gabinete a solicitar informações e a solicitar algum apoio, nem sempre são esclarecidas da forma mais capaz, pelo menos por aquilo que sou informado.

Também percebo que o Sr. Secretário não pode conhecer nem dominar diariamente a forma de funcionar do gabinete. O Sr. Secretário tem que dar as suas orientações, alguém tem que as fazer cumprir e não pode estar todos os dias, nem em cada hora, nem em cada momento, até porque não vive aqui e não pode estar atento a todas estas coisas. Mas, penso que há alguma carência de informação que poderia e deveria ser dada, porque as pessoas, efectivamente, interrogam-se sobre qual a sorte que lhes vai caber em relação às suas habitações, se é para reconstruir, se é para reabilitar, se é apenas para reparar.

Pontanto, há muita gente que, inclusivamente, talvez já pudesse ter começado a fazer algumas obras nas suas casas, utilizando algum dos seus proventos se pudessem contar posteriormente com o apoio que está previsto no diploma que aqui foi aprovado.

O Sr. Secretário tem a sua metodologia, é perfeitamente estimável, é respeitável e ninguém a questiona. É uma opção do Governo. De qualquer forma essa metodologia não tem conduzido, por aquilo que nós podemos verificar, a esta situação de mais atempadamente e com maior oportunidade e maior rapidez dar informação e tranquilizar as pessoas.

Nesta fase, penso que este é o grande problema que se põe.

Graças a Deus que as questões do realojamento das pessoas estão a correr agora, talvez, com um pouco mais de celeridade, com a montagem dos pré-fabricados vindos do Canadá, embora tenham uma montagem fácil e um acabamento mais complicado e mais demorado, pensamos que as pessoas ficarão abrigadas dentro de pouco tempo e dentro dum tempo razoável.

Não há dúvida nenhuma que essa situação melhorou consideravelmente desde a última vez que aqui nos encontrámos.

Sr. Deputado Manuel Serpa, eu também sou do tempo em que, depois do 5.º ano, se ia estudar para uma outra ilha, de maneira que também conheço essas agruras de pegar na mala e ir para mais longe e foi, efectivamente, esta nossa capacidade de andar de um lado para o outro que nos aconchegou, que fez de nós uma região, vamo-nos tornando cada vez mais uma região e penso que é para aí que caminhamos. Éramos apenas um arquipélago.

Julgo que o Sr. Deputado acabou por pôr o dedo em cima do grande caminho e da grande vantagem desta nossa proximidade. É no enlaçamento destas duas ilhas que efectivamente podemos, de alguma forma, também construir aqui um local onde o desenvolvimento se faça de maneira mais célere e mais capaz e, sobretudo, que melhor responda às pessoas.

**Presidente:** Sr. Deputado, chamo-lhe a atenção para o tempo.

**O Orador:** Só mais um segundo, Sr. Presidente, contando com a sua benevolência.

As coisas que agora são feitas são aquelas que agora podem ser feitas e que se calhar foram precisos 20 anos de por pedra em cima de pedra para que algumas delas agora pudessem desembocar nisto. É evidente, Sr. Deputado, se bem me lembro, que ainda antes deste Governo foi colocado algum equipamento nas unidades hospitalares do Pico

que permitiram agora, se calhar, a assistência que faz um especialista em abstrécia em lá ir.

Portanto, estas coisas são encadeadas e se Deus Nosso Senhor quiser - não sei quanto tempo demorará, mas espero bem que não seja muito - também quando o PSD voltar para essa bancada há-de encontrar coisas que vêm detrás, umas bem feitas, outras mal feitas e há-de lhes dar seguimento, mas sem complexos e com a certeza de que esta é a única forma capaz de se viver o pluralismo democrático que nos caracteriza nesta Região. Não há outra forma.

Não vejo isso com nenhum complexo e também digo-lhe já: se por acaso alguma vez, já não é para mim, quando para aí se voltar, espero bem que haja pelo menos uma coisa que saibamos fazer e que é respeitar a herança que nos deixaram, com todas as suas virtudes e todos os seus defeitos.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Fernando Menezes.

**Deputado Fernando Menezes (PSD):** Prescindo.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Brasil que não prescinde. Faz muito bem.

*(Risos da Câmara)*

**Deputado Manuel Brasil (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Eu vou usar da palavra por causa do célebre "estilhaço da triologia", porque ao que me parece esta triologia ao estilhaçar não chegou nenhum bocadinho desses estilhaços a São Jorge, o que isto quererá dizer, provavelmente, que pensaremos no futuro em quadrilogia e que as outras cinco apêndices deste arquipélago irão ficar como uns simples quintais ou jardins que, de vez em quando, os Srs. da quadrilogia visitarão para passar um pouco de férias ou apenas para indagarem se aqueles bichinhos vípedes que

lá se encontram, nestas outras cinco parcelas desta querida Região e deste querido Arquipélago, estão lá apenas a servir de colonos da espécie humana que vieram com o Gonçalo Velho Cabral.

É que São Jorge - a minha ilha - é uma das ilhas que desde os primórdios dos portelanos já aparece mencionada, antes, portanto, dos portugueses aportarem a estas terras do Gonçalo Velho, nestas latitudes aproximadamente do Atlântico Norte.

E, sendo São Jorge aí mencionado, por acaso os jorgenses também têm cultura, também têm coisas únicas e também têm dado homens e pessoas com conta, peso e medida, como quaisquer outras ilhas desta nossa querida Região que são, volto a referir, tão portugueses como os outros e tão açorianos como os outros.

Também São Jorge tem 14 bandas, 4 ranchos, 1 banda, em termos musicais, destas bandas modernas que há para aí, com muita categoria, tem uma orquestra de metais com muita categoria, que digam os nossos açorianos da diáspora onde ela tem actuado, tem 4 conjuntos pop. Isto para mencionar alguma da cultura jorgense e para informar os deputados desta Câmara.

Eu não gostaria, francamente, de maneira nenhuma que passasse mais 20 anos para que se estilhaçasse a quadrilogia e São Jorge passasse a fazer parte, se calhar, duma quincologia ou pentalogia. Eu não queria e faço aqui este protesto.

Alguém disse e não fui eu: "A minha ilha é os Açores". Eu defendo este princípio integral e espero que este Governo tenha a hombridade de o fazer e não tem feito em relação a São Jorge.

Espero que daqui para o futuro compreenda que os jorgenses têm o mesmo direito que qualquer outro cidadão e que São Miguel sozinho nos Açores, perante Portugal, é tanto - e sem desrespeito, Sr. João Greves - como o Corvo sozinho é para o restante dos Açores.

Portanto, é preciso que não andemos aqui a criar fracções, a criar bocadinhos, "que se salve este e os outros vêm depois".

Não concordo com o deliberado. Não concordo com quem diz muito simplesmente: "estes estão primeiro e os outros vêm depois". Não, todos nós nesta Região temos que estar primeiro, quer estejamos no Corvo, quer estejamos em Santa Maria, quer estejamos na Graciosa ou quer estejamos no Pico. Todos nós temos que estar primeiro.



Disse.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Manuel Serpa.

**Deputado Manuel Serpa (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

É só para dizer ao meu amigo Manuel Brasil que não fui eu que fiz essa legislação nem o PS.

Quem nesta Assembleia fez legislação sobre a museologia foi o governo do PSD, dizendo claramente que só podia existir museus nas antigas cidades dos Açores. Não fui eu!

Este Governo teve o mérito de quebrar com isso. Por isso é que eu lanço loas a este Governo.

É uma questão de filosofia de interpretação das coisas e este Governo quebrou com isso. A partir daqui esta e outras questões serão resolvidas.

Pela legislação anterior só poderiam existir museus nas três antigas cidades açorianas.

Portanto, uma casa de cultura é a consequência da criação dum museu regional.

O Sr. Deputado tem toda a razão em lutar por isso a favor de São Jorge. Tem o meu apoio. O Sr. tem toda a razão, mas vamos por as coisas no seu devido lugar. Este Governo teve o mérito de ter quebrado com isso. É isso que tem que ser publicamente reconhecido aqui.

**Vozes da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Victor Cruz.

**Deputado Victor Cruz (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Antes que cada deputado de cada círculo eleitoral faça aqui a reclamação justa, que é, de resto, o seu dever, das reivindicações das populações que o fizeram eleger, eu compreendo os deputados que o fazem, julgo mesmo que estão a cumprir o seu dever e a cumprir o seu dever muito bem, sejam eles de São Jorge, do Pico, do Faial ou de outra ilha qualquer, eu quero dar a minha interpretação dessas intervenções:

Eu julgo que, pese embora algum dos deputados desta Casa tenha sempre uma reclamação a fazer, um justiça a reparar neste projecto comum que é o da autonomia, mas que é também um projecto de unidade dos Açores, o que todos eles estão certamente a sublinhar são ajustamentos, alguns deles no plano dos transportes, outras vezes no plano da economia e em muitos outros planos como o da museologia, mas quero crer que ninguém questiona o esforço dos governos do PSD e julgo que também não querem questionar o esforço deste e de todos os outros governos, porque, felizmente, o sistema político açoriano assegura essas cautelas, que é um esforço de unidade dos Açores.

Reivindicar o essencial para cada uma das suas ilhas é, por parte dos deputados que o fazem, um exercício muito justo e de resto deve ser saudado.

Mas, o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata sempre acreditou que, com alguns erros certamente, um dos seus principais objectivos na participação que faz, não em jeito de monopólio político nos Açores no passado, no presente e certamente fará no futuro, é o da construção e manutenção da unidade açoriana como forma essencial para afirmar a autonomia e, de resto, para afirmar os Açores no País e no Mundo.

É esse o nosso principal objectivo e julgo que disso ninguém tem dúvidas por parte do Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata, assim como nós também não temos qualquer dúvida das intenções e dos principais objectivos de qualquer político nesta Região Autónoma dos Açores.

De facto, o autor da frase, "A minha ilha é os Açores", fui eu. Não é uma frase feliz, é apenas a expressão dum sentimento que desde cedo, quando entrei para a política, aprendi que o Partido Social Democrata investia e certamente não desconfio que os outros também certamente apostarão.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Vozes da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Uma vez que não há mais inscrições no nosso Período de Antes da Ordem do Dia, vamos passar à **Ordem do Dia**, ou seja, à discussão e votação da Proposta de

Decreto Legislativo Regional - "Alteração ao Orçamento da Região Autónoma dos Açores para o ano de 1998".

A discussão e votação vai ser feita nos termos do artigo 107.º, ou seja, nos termos do processo legislativo comum, com um debate na generalidade em que cada deputado tem a possibilidade de intervir por duas vezes, uma primeira vez por 20 minutos e uma segunda por 10, exceptuando o autor do diploma que tem direito a intervir antes dos restantes e tem um período de 30 minutos para a sua primeira intervenção.

A discussão na especialidade será feita também segundo os princípios genéricos com o tempo máximo de 15 minutos para uma primeira intervenção e 5 na segunda para cada deputado.

Vamos então passar ao debate na generalidade. Tem a palavra o Sr. Secretário Regional para as Finanças e Planeamento.

**Secretário Regional para as Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Esta Proposta de Decreto Legislativo Regional do Governo introduz algumas alterações ao Orçamento da Região para o corrente ano de 1998, é, por assim dizer, um acto normal de gestão e um acto normal de administração, porquanto documentos que são elaborados com um ano de antecedência, não podem, efectivamente, prever tudo o que se vai passar nos 365 dias em que o Orçamento e o Plano da Região estão em vigor.

Tanto assim é que, normalmente, os governos democráticos que dependem de assembleias democráticas, eleitas pelo povo, tenham a necessidade de introduzir algumas correcções a estes documentos.

As alterações que agora aqui são propostas neste Decreto Legislativo Regional que altera o Orçamento da Região Autónoma dos Açores para o corrente ano de 1998 derivam fundamentalmente de duas situações que era de todo impossível prever na altura da elaboração deste documento.

Refiro-me concretamente ao sismo de 9 de Julho que atingiu, infelizmente, aqui a ilha do Faial, do Pico e em muito menor escala a Ilha de São Jorge.

Refiro-me também a uma alteração advinda dum facto também de todo imprevisível na altura da elaboração do Orçamento e que corresponde, por assim dizer, à necessidade que agora o Governo tem de repor uma situação legítima e que também não era possível

prever na altura e refiro-me, concretamente, a uma obrigação de natureza fiscal que o BCA, Banco então público na Região, se viu compelido a fazer perante o fisco, nomeadamente para pagar ao fisco um adicional à colecta do IRC do ano de 1993, derivada exclusivamente de na altura a Administração do Banco, que era pública, porque o Banco ainda não tinha sido privatizado, ter considerado, no exercício de 1993, um determinado nível de provisões para crédito vencido superior àquela que o próprio fisco admitia como possível.

Isto em si, porque não era previsível, corresponde a um acto de gestão da então Administração do Banco que considerou, de facto, à realidade do próprio crédito vencido, à situação económico-financeira dos devedores, a uma apreciação das próprias garantias que esse crédito tinha perante o Banco, considerou, não sei se bem, se mal, mas considerou, num acto de gestão que é admissível, a constituição de um determinado nível de provisões que estava para além daquelas que, obrigatoriamente, um aviso do Banco de Portugal que regula estas matérias previa e impunha.

Daí que o Banco tenha sido notificado pela Direcção Regional de Contribuições e Impostos ao pagamento de mais 529.738.664\$00, e é precisamente esta verba, ao escudo, que o Governo introduziu no Capítulo das Receitas e no Capítulo das Despesas. Portanto, o efeito em termos orçamentais é neutro, porque aquilo que o Governo recebe por via da recepção destes impostos e de juros de mora, que aqui estão também calculados ao escudo, é precisamente aquilo que agora vai devolver ao Banco para permitir este pagamento, e isto encontra enquadramento legal, porquanto há um decreto que regula precisamente estas situações.

Devo dizer que no Continente também houve casos em que isto sucedeu e precisamente por isto, para prevenir estas diferenças de valor do activo do Banco, que depois foi privatizado, é que este decreto prevê precisamente a regularização dessas situações.

No Continente quem faz essas regularizações é precisamente o Fundo de Regularização da Dívida Pública que tem, por assim dizer, a incumbência de pagar às instituições posteriormente, depois de nacionalizadas, esses quantitativos e depois o Estado recebe estas verbas por via da recepção destes adicionais ao IRC e dos juros de mora a ele ligados.

O Governo nesta situação concreta teve o cuidado de, também junto do Fundo de Regularização da Dívida Pública, fazer insistência no sentido de ser o Fundo a pagar ao Banco este quantitativo e o Governo depois de autorizado por esta Assembleia, porque não o pode fazer sem estar devidamente autorizado o orçamento em que estas verbas são consideradas, devolveria ao Fundo este quantitativo. Até hoje ainda não tivemos uma resposta positiva da parte do Fundo, pelo que o Banco honrou o seu compromisso perante o fisco e está à espera, digamos assim, desta alteração orçamental para que o Governo possa devolver ao Banco este quantitativo.

Por outro lado também, como uma medida cautelar, o Governo escreveu e solicitou às entidades financeiras que procederam à avaliação da instituição de crédito em causa, concretamente o Banco Comercial dos Açores, a saber se estas previsões tinham sido consideradas na avaliação então feita.

Obtivemos a resposta das instituições que avaliaram então o Banco a dizer que, efectivamente, esta situação na altura, sendo imprevisível, não tinha entrado nos critérios e na avaliação feito pelo Banco, pelo que uma parcela deste orçamento que está agora aqui em apreciação é precisamente este montante que entra nas receitas e sai pelas despesas exactamente no mesmo quantitativo.

Por outro lado ainda, esta alteração do Orçamento para 1998, o outro facto superveniente refere-se precisamente ao sismo em que houve necessidade de abrir rubricas orçamentais para precisamente possibilitar o pagamento de despesa relacionada com o sismo de 9 de Julho passado. Assim, foi criado dentro do Programa 33 - Calamidades um projecto específico para o sismo, onde todas as despesas relacionadas com o sismo sairão precisamente deste projecto que foi criado de propósito e exclusivamente com esse fim.

Portanto, é o Projecto 33.8 e que dentro deste projecto haverá tantas subdivisões quantas as entidades executoras responsáveis pela sua execução.

É assim que cada departamento do Governo, na parte que vier a caber, quer nesta alteração orçamental quer no próximo Plano e Orçamento para 1999, terá uma sub-rubrica deste projecto com o quantitativo devidamente especificado e quantificado para ao longo do ano ir realizando a despesa.

É também assim que se criou neste projecto a alteração orçamental de 1998 dividido apenas por duas Secretarias: a Secretaria Regional da Habitação e Equipamentos à qual foi afectada uma verba de 762 mil contos, precisamente para fazer face às despesas relacionadas com a instalação das pessoas desalojadas, mais precisamente com a aquisição e montagem de 320 módulos pré-fabricados e a Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais que teve necessidade de verbas para utilizar já este ano de 1998, num total de 350 mil contos para fazer face precisamente a reparações de edifícios escolares 120 mil contos, reparação do Hospital da Horta e unidades de saúde do Faial e Pico 230 mil contos.

Para fazer face a este reforço e sem mexer no quantitativo global, autorizado por esta Assembleia no Orçamento e no Plano então aprovados para este ano, houve a necessidade de repescar nos outros Programas do Plano o possível para dotar e possibilitar a realização destas despesas.

Aproveitou-se também para dotar, da mesma forma, um ou outro Programa que estavam insuficientemente dotados.

De referir também que houve a possibilidade de reforçar a verba global do plano de investimentos com uma verba de 34 mil contos que neste momento se pode considerar que não deverá ser plenamente utilizada nas despesas de funcionamento, mais concretamente na Secretaria da Economia. Portanto, o plano de investimentos para 1998 é reforçado com esses 34 mil contos e dentro dos restantes Programas do Plano houve um reordenamento por forma a possibilitar este reforço do projecto 33.8 relacionado com o sismo de, repito, 762 mil contos na Secretaria da Habitação e Equipamentos e 350 mil contos na Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais.

É, em suma, estas as duas grandes alterações que são propostas a esta Câmara e que, repito, na altura da elaboração do Plano e do Orçamento no ano passado, mais ou menos por esta altura, era impossível prever.

Aguardamos que esta Câmara aprove estas alterações orçamentais para possibilitar ao Governo cumprir o seu dever, não só de fazer face às necessidades dos sinistrados, mas também para fazer face a esta obrigação fiscal que cabe ao Governo executar.

Era só, Sr. Presidente, o que eu tinha a dizer.

Muito obrigado.

**Presidente:** Eu tenho neste momento 4 Srs. Deputados inscritos, mas desejava saber se dessas inscrições algumas são para pedidos de esclarecimento.

Para esclarecimentos, na sequência da intervenção Sr. Secretário Regional para as Finanças e Planeamento, tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, é, de facto, para pedidos de esclarecimento, embora seja muito difícil de distinguir e eu com isso não quero prejudicar...

**Presidente:** O problema é do tempo, porque se for para pedidos de esclarecimento tem 3 minutos e se for para intervenção tem 20 minutos e se for para intervenção eu tenho que respeitar a sequência das inscrições que tenho aqui na Mesa.

**O Orador:** Eu não quero com esse instrumento regimental, digamos, prejudicar a ordem de inscrição e, portanto, transformo em intervenção.

**Presidente:** Assim sendo daria a palavra, em primeiro lugar, ao Sr. Deputado Eugénio Leal.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

A apresentação pelo Governo a esta Assembleia de propostas de alteração ao Orçamento e ao Plano é um acto normal no nosso sistema de planeamento regional e que praticamente todos os anos se tem verificado.

Reconhece-se, pois, a necessidade, de efectuar alguns ajustamentos quer das receitas quer das despesas, em função do ritmo de execução das mesmas, por forma a que depois de devidamente rectificadas

No ano em curso, para além dessa situação, tem o Governo de "arranjar" verbas para fazer face aos encargos resultantes das tarefas de remoção dos estragos, recuperação de estruturas e realojamento dos sinistrados do sismo que abalou violentamente algumas das ilhas do grupo central.

A este propósito convém recordar que passadas pouco mais de 48 horas do início da crise, o Grupo Parlamentar do PSD, pela voz do seu Presidente, manifestou a total disponibilidade dos sociais democratas para reunirem em sessão extraordinária da Assembleia Regional, caso o Governo considerasse necessário proceder de imediato à revisão do Orçamento e do Plano.

Porém assim não entendeu o Governo.

Apresenta, agora, em conjunto todas as alterações resultantes ou não do sismo, pelo que a verificar-se qualquer atraso na concretização de medidas ou no cumprimento de compromissos de pagamento para com terceiros nunca poderá ser da responsabilidade desta Assembleia.

Uma vez que nos encontramos a pouco mais de dois meses do término da vigência de tão importantes documentos, este deve ser o momento próprio para fazer o balanço da evolução dos mesmos. Isto é, se os objectivos propostos pelo Governo, nomeadamente os de natureza financeira, serão ou não possíveis de atingir.

Não posso deixar de lamentar uma vez mais, o facto do Governo ainda não ter entregue quaisquer elementos que nos permitam conhecer como é que foram aplicadas as verbas na execução do Plano.

Da análise da proposta, constata-se que o reforço do Programa 33 Calamidades, onde estão inseridos os projectos relativos ao sismo, resulta na quase totalidade da transferência de verbas de outros Programas.

Contudo, tendo o Governo já recebido uma importância significativa de donativos resultantes da solidariedade de particulares, de organismos e de empresas, não se consegue perceber a razão pela qual essas verbas não são contabilizadas das no presente ano.

Só assim se poderá cumprir com o princípio da universalidade, regra fundamental da elaboração de qualquer orçamento, ou seja, que todas as receitas arrecadadas num ano, deverão ser obrigatoriamente contabilizadas no orçamento do período a que respeita.

Por isso é assunto que deve ficar devidamente esclarecido durante este debate. Esta revisão do Plano não foge à regra.

Como sempre, os Programas onde são propostas anulações de verbas são exactamente os que apresentam menores taxas de execução, menor capacidade de realização, menos compromissos já assumidos ou com projectos menos prioritários.

Por isso, mesmo, razão tinha eu quando na última sessão me referi à baixa taxa de execução do 1º semestre.

Curiosamente dos quatro Programas que apontei como tendo uma reduzidíssima execução e que os Senhores Secretários afirmaram que iriam ter execuções muito



próximas dos 100%, três deles são responsáveis pela transferência de mais de um milhão de contos.

Feitos os necessários acertos, resultantes do conjunto de alterações propostas, e porque não poderão ficar quaisquer dúvidas sobre o que deixará de ser executado por força da transferência de verbas para o Programa das Calamidades, julgo de toda conveniência que esta Assembleia seja devidamente esclarecida sobre as respectivas situações.

Assim:

- A verba destinada ao investimento no Turismo é reduzida em 220.000 contos, ou seja menos cerca de 10% da sua dotação.

Perguntamos:

- Qual ou quais os principais projectos que serão adiados no Programa 7 - Desenvolvimento do Turismo?

- Ficarão por satisfazer alguns dos incentivos devidos às empresas que se encontram a efectuar investimentos deste sector?

- No Programa 2 - Apoio à Transformação e Comercialização dos Produtos são reduzidos 120.000 contos.

- Quais os projectos vão deixar de ser concretizadas?

- A mesma pergunta se coloca relativamente aos Programas 9 - Desenvolvimento Industrial e 12 - Sistema Rodoviário.

- No P. 18 Desenvolvimento das Infraestruturas Educacionais que vê anulada a importância de 790.000 contos, correspondendo a 25% da dotação inicial, quais os principais projectos adiados?

- Caso não tivesse ocorrido o sismo, esses projectos estariam em condições de serem executados?

- Questões idênticas se colocam relativamente ao Programa 22 - Desenvolvimento das Infraestruturas da Saúde que regista um decréscimo de 90.000 contos.

Nos Programas onde se registam reforços, pergunta-se:

- No Programa 11 - Sistemas Complementares de Incentivos com mais 100.000 contos, ficará com a dotação suficiente para satisfazer todos os compromissos resultantes dos projectos já aprovados no âmbito dos sistemas de incentivos, e que se encontram com significativos atrasos de pagamento?

- No P. 15 - Transportes Aéreos, os 60.000 contos destinam-se a suportar os resultados da baixa de tarifas inter-ilhas da SATA, conforme resolução aprovada por esta Assembleia em Junho último?

- Para quando a entrada em vigor do novo tarifário?

Dos 350.000 contos de reforço no Programa 26 - Património e Actividades Culturais já todos ficámos a saber que não dão para apoiar os diversos organismos e instituições culturais que apresentaram planos de actividade que mereciam ser concretizados.

E, já que nesta sessão legislativa tanto se tem falado de baleias, pergunto, se face ao reforço deste programa, se serão disponibilizadas as verbas necessárias à ampliação do Museu dos Baleeiros, nas Lajes do Pico e à conclusão do Museu da Indústria Baleeira, em S. Roque do Pico, onde inexplicavelmente pouco ou nada tem sido dispendido?

Com este mesmo reforço será possível iniciar no corrente ano as obras da adaptação do edifício da Biblioteca Pública e Arquivo da Horta?

Quanto ao Orçamento corrente, em primeiro lugar, e ouvida a explicação do Sr. Secretário Regional das Finanças relativamente à questão da regularização do sistema fiscal, resultante da privatização do BCA que está inerente, percebi a sua explicação e não tenho quaisquer dúvidas, gostaria apenas de saber, se nos pudesse informar, qual o montante de provisões que foi feito em excesso e que deu origem justamente à tributação, só para que a Câmara ficasse com essa informação.

Quanto ao Orçamento corrente, depois deste pedido de esclarecimento, e começando pelas receitas, gostaria que o Senhor Secretário das Finanças nos informasse sobre o montante dos impostos já arrecadados, nomeadamente IRS, IRC e IVA. Igualmente se nos pudesse dizer se os aumentos previstos de 6.7%, para o IRS e de 7.5% para o IRC e para o IVA serão atingidos ou não?

Por último, nas Receitas de Capital - venda de participações, cuja previsão era de 1,2 milhões de contos, como só foram recebidos 136.000 contos, se é previsível este valor aumentar e, em caso afirmativo, em quanto?

No que concerna às despesas, começo por referir a rubrica que maior descalabro registou: a requisição de Bens de Capital com um aumento de 13%

De seguida não posso deixar salientar que relativamente a 97 as Despesas Correntes aumentarão cerca de 5 milhões de contos, a que corresponde num crescimento superior a 7%.

Como principais responsáveis por este excessivo aumento, estão as rubricas Despesas com Pessoal e Aquisição de Bens e Serviços.

Quanto às primeiras, apesar do crescimento de 4,2% puder ser considerado um pouco exagerado, não me vou pronunciar visto ser conhecida a política assumida pelo Governo quanto a esta matéria.

Já o mesmo não poderei dizer no que respeita a aquisição de Bens e Serviços, por onde são pagas, as assessorias, os recibos verdes, os consultores de imagem e os jornalistas que abundam pelos diversos departamentos governamentais.

Com efeito o aumento registado cifra-se nos 5,2%, ou seja, praticamente o dobro da taxa de inflação.

Para quem na oposição não se cansava de criticar e apelidar os anteriores governos de "despesistas", aqui está o exemplo do rigor deste Governo na contenção deste tipo de despesas.

Não só não foram capazes de estagnar o crescimento dos gastos, como mais grave ainda, atingem valores perfeitamente injustificáveis.

Sinceramente espero que o Senhor Secretário das Finanças esclareça devidamente esta Assembleia das razões que terão levado este executivo a atingir este anormal crescimento.

Porém, quando na passada 6ª feira, regressando de Ponta Delgada folheava num Semanário saído naquele dia, encontrei explicação para parte, repito, somente para parte de tão excessivos gastos nesta rubrica.

Não é que o Folheto de Divulgação dos incentivos à reconstrução, da responsabilidade da Secretaria da Habitação e Equipamentos, e que para os sinistrados tem esta dimensão que aqui está, no dito Semanário foram precisos 2 páginas inteiras.

Aqui está!!!

Para os sinistrados tem esta dimensão!!! Para o jornal é tornado nesta dimensão que aqui está.

Em primeiro lugar quero dizer que no Faial e no Pico é insignificante numero de exemplares do referido vendidos daquele jornal.

Em segundo lugar se entende o Governo que, para além da distribuição do mencionado folheto, se torna necessário uma maior divulgação do seu conteúdo através da comunicação social escuta, então deveria fazê-lo primeiramente nos diários do Faial e nos semanários do Pico e de S. Jorge, o que não fez.

Estes factos seriam por si só motivo mais que suficiente para condenar o Governo pela má utilização dos dinheiros públicos.

Mas, o escândalo não termina por aqui.

Mais grave que tudo, é que este Semanário é propriedade de ilustríssimos dirigentes socialistas que ocupam destacadíssimos lugares nos órgãos do Partido Socialista e inclusivamente no Governo.

**Deputado Vasco Cordeiro (PS):** Tenha cuidado se não vai ter que ir à Comissão de Inquérito!

**O Orador:** Não é verdade isto que eu acabei de dizer!?

Vou repetir, Sr. Deputado Vasco Cordeiro, para que ouça melhor.

"Mais grave que tudo, é que este Semanário é propriedade de ilustríssimos dirigentes socialistas que ocupam destacadíssimos lugares nos órgãos do Partido Socialista e inclusivamente no Governo".

Se o Sr. Deputado quiser que eu prove, eu provo.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Prove! Diga os nomes!

**O Orador:** Quer que eu diga os nomes!? Então vou lê-los:

- José Eduardo Meireles Martins Mota,...

**Secretário Regional da Habitação e Equipamentos (José Contente):** Não tem nada a ver!

**O Orador:** ...Fernando Manuel Machado Meneses, Eduardo da Silva Vieira, Fernando Rosa Rodrigues Lopes.

Ou seja, para sinistrados faz-se isto!!!

Para os leitores do jornal e para os camaradas do partido aumenta-se cinco vezes mais!!!

**SIMPLESMENTE ESCANDALOSO!!!**

Ficam, porém, os açorianos a saber como este Governo de rigor gasta o dinheiro de todos nós!!!

Disse.

*(Aplausos da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Valadão.

**Deputado Paulo Valadão (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A presente alteração do Orçamento da Região Autónoma dos Açores para o ano de 1998 visou algumas necessidades, das quais tem que se destacar a criação de cabimento orçamental para as despesas de urgências motivadas pelo sismo de 9 de Julho.

De acordo com a proposta do Governo, o Projecto 8, agora criado no Programa 33 do Plano para 98, fica dotado de 1 milhão e 112 mil contos, verba necessária para fazer face às acções já realizadas ou a realizar com pagamento no ano corrente.

Queremos registar a opinião, segundo a qual o esforço orçamental realizado é positivo e terá que ter, naturalmente, continuidade nos orçamentos dos próximos anos. Essa continuidade exige, entretanto, o muito claro trabalho no sentido de haver uma indubitável correspondência entre o esforço financeiro e a capacidade de execução no terreno.

Não se pode deixar de registar que a criação deste Projecto 8, do Programa 33, embora comporte uma elevada verba de mais de um milhão de contos, conforme ainda há pouco acabou de ser mencionado pelo Sr. Secretário, só motivou uma pequena transferência no montante de 34 mil contos das Despesas Correntes para as Despesas do Plano.

Este facto significa que tal projecto foi no essencial construído, 1 milhão e 78 mil contos, a partir de transferências de outros Programas do Plano.

Não nos causa estranheza o facto desta calamidade, que foi o sismo, ter motivado uma desaceleração com algum significado no investimento público em curso.

Esse facto, na nossa óptica, apenas reforça a nossa tese, a tese do PCP Açores, segundo a qual é indispensável que os orçamentos e planos de 99 e 2000 assumam com

prioridades inequívocas a recuperação das calamidades de 96, 97 e 98 que se manifestaram um pouco por todas as ilhas.

A segunda razão principal da presente alteração prende-se ainda com o processo da privatização do BCA, nomeadamente no que respeita ao pagamento do IRC em falta, relativo ao exercício de 93, acrescido agora dos respectivos juros de mora.

A privatização do BCA feita pelo último governo do PSD foi, sem lugar para dúvidas, um processo politicamente acelerado na altura sem que houvesse razões económicas objectivas para que fosse feita com aquela celeridade.

Sendo assim, é inevitável que tenham surgido situações que os órgãos da administração fiscal consideram erros muito possivelmente resultantes da enorme pressa que houve em alienar o BCA.

Queremos sublinhar, entretanto, que a parte essencial e determinante desta alteração do Orçamento se prende com o sismo de 98.

Por isso, o PCP Açores aprova estas alterações e pensamos que o conjunto da Assembleia Legislativa Regional o deveria fazer, dando assim um sinal explícito do empenhamento desta Assembleia em favor dum trabalho eficiente de apoio aos sinistrados.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Esta proposta de alteração ao Orçamento é natural e era aguardada já há algum tempo, nomeadamente pela necessidade compreensível de arranjos orçamentais que permitissem à Administração fazer face às imprevistas despesas relacionadas com o processo da reconstrução ainda durante o ano económico de 98.

Traz de novo aqui ao Parlamento a questão, tal como foi apresentada pelo Sr. Secretário Regional, diria a questão técnica que envolve o ajusto orçamental respeitante à situação fiscal do Banco Comercial dos Açores.

Portanto, nessa perspectiva julgamos que há cabimento absoluto para a alteração que estamos aqui a analisar.

Porém, embora tratando-se de matéria simples, de matéria que eu diria à partida não polémica, a forma como o Governo apresenta os documentos a esta Assembleia, essa,

sim, tem que merecer do Parlamento um registo veemente numa chamada de atenção que nos confrange a todos, porque é repetitiva.

Sr. Presidente e Srs. Deputados:

É inadmissível que o Governo Regional se apresente perante esta Assembleia com a informação que aqui traz no preâmbulo do seu diploma e, portanto, com ausência de elementos informativos indispensáveis que tradicionalmente fazem parte dos processos de alteração orçamental e que não só não vêm nos documentos formais do Governo, como não foi possível ou não foram criadas as condições para tão pouco virem no relatório da Comissão Especializada da Assembleia Regional.

Sejamos objectivos:

Parte dessa matéria já foi aqui bastante desenvolvida pelo Sr. Deputado Eugénio Leal, porta-voz do Partido Social Democrata, mas que eu também colocaria numa base muito simples, ou seja, o Governo propõe-se criar uma dotação de 1 milhão e 112 mil contos para acudir às despesas do sismo.

Muito bem!

Só que a única informação que pretende justificar os meios libertos para ocorrerem a essa despesas é de que 34 mil contos advém de poupanças ao nível do funcionamento da Administração. O meu reparo é que é muito pouco.

Foi isso o que este Governo conseguiu e talvez algumas das coisas aqui ditas, nomeadamente o que envolve alguns gastos incompreensíveis na propaganda governamental também ajudem a justificar a incapacidade de poupança ao nível de funcionamento desta Administração.

Mas, sobretudo, este Governo não justifica numa linha que seja 1,1 milhões de contos que retira ao Plano de Investimentos da Região Autónoma dos Açores.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Depois de 22 anos de autonomia não se imaginava que chegássemos aqui a um processo de alteração do Orçamento com este grau de informação, que é um grau de informação velho, Sr. Secretário das Finanças, e, das duas uma, ou o Sr. não tem elementos capazes de justificar perante esta Assembleia os fundamentos para as reduções que faz no programa de investimento, o que quer dizer que os seus colegas que dispensaram essas verbas dos programas de investimentos que estão sobre a sua jurisdição, de facto não

têm elementos sobre os fundamentos para essas reduções. Eu não acredito ou então sonogou esses elementos aos Srs. Deputados Regionais ao Parlamento dos Açores, que é, no mínimo, infeliz.

Por conseguinte, sob este ponto de vista, esta atitude do Governo, de facto, não tem presente as condições mínimas que devem ser dadas ao Parlamento para poder decidir. E, todos nós sabemos que nessa matéria, felizmente, esta Casa por tradição não prescinde de ter acesso a essa informação, porque, de facto, 1,1 milhões de contos é um montante que já justificava que o Governo tivesse aqui uma argumentação que fosse inequívoca perante os Deputados e isto não acontece.

Portanto, sem por em causa o objectivo final da alteração, nota-se da parte do Governo - e eu tenho que dizê-lo aqui formalmente - um menor respeito para com esta Assembleia. O Governo traz as coisas em cima do joelho, não as prepara em pormenor. É dado assente que nos elementos base de informação surja um quadro resumo com as alterações para mais e alterações para menos. O Sr. Secretário Regional da Finanças sabe perfeitamente que facilita a leitura do conjunto dos Srs. Deputados relativamente ao centro das alterações que se pretendem introduzir e nem sequer em relação a este quadro resumo houve desta vez a preocupação do Governo Regional apresentar e parece-me que ao longo destes 22 anos, pelo menos, este quadro era sistematicamente apresentado.

Portanto, no capítulo da qualidade dos documentos apresentados, temos que referi-lo, é, de facto, do mais fraco que alguma vez foi presente a esta Assembleia.

*(Risos da bancada da Câmara)*

Não vale a pena os Srs. rirem-se. Estão a rir-se por não darem tempo nem atenção a estas coisas.

Sr. Presidente do Governo, Carlos César, se tivesse deste lado imagino o que o Sr. não diria relativamente ao um Governo que apresenta uma coisa destas.

**Presidente do Governo (Carlos César):** Trabalhava!

**O Orador:** Não me parece! Nunca se caracterizou por isso. O Sr. como Presidente do Governo faz mais intriga do que trabalho. Que faria se estivesse aqui?!



**Presidente do Governo** (*Carlos César*): Não! Isso é o senhor.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai.

**Deputado Augusto Elavai** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Uma pequena intervenção para dizer que o Grupo Parlamentar do Partido Socialista vai votar favoravelmente esta proposta, pelos objectivos que ela contém e que já foram explicitados pelo Sr. Secretário Regional das Finanças.

No entanto, queria realçar o esforço financeiro feito, em termos de Plano, tentando a transferência de verbas de outros programas para o sismo. Penso que até seria um bom alibi a existência do sismo para, eventualmente, endividar um pouco mais a Região.

Esse alibi o Governo não o quis fazer e acho que com muito respeito pelas finanças públicas e penso que os 34.000 contos de aumento do Plano e o facto desses 34.000 contos virem de transferências de verbas de despesas com pessoal é apenas um símbolo ou se quisermos um acto simbólico de que este Governo vai tirar despesas de funcionamento para despesas de investimentos.

Por tudo isto o Grupo Parlamentar do Partido Socialista vai votar favoravelmente esta proposta.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco de Sousa para uma intervenção.

**Deputado Francisco de Sousa** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

É para explicitar o que é que pretende o Grupo Parlamentar do Partido Socialista com esta proposta de alteração que faz do Programa 18 para o Programa 19.

O Programa 18, como sabe, trata do Desenvolvimento das Infraestruturas Educacionais e desse Programa são tirados 40 mil contos para o Programa 19 - Desenvolvimento do Sistema Educativo, tendo em vista o pagamento de acções de formação que decorreram e ainda estão a decorrer e que ultrapassam efectivamente os 60 mil contos que aqui aprovámos no Orçamento inicial e, portanto, havia necessidade de dotar e reforçar este Programa com os 40 mil contos indispensáveis à concretização dos planos de informação, quer dos centros de escolas quer dos centros de formação pela Universidade dos Açores e das estruturas sindicais.

É uma transição de verbas dentro da própria Secretaria, não envolve qualquer outra entidade e, portanto, não há qualquer mudança nos outros mapas. É apenas e exclusivamente o Mapa V da desagregação sectorial.

**Presidente:** Eu lembrava aos Srs. Deputados que estamos na discussão na generalidade, porque eu penso que esta é, talvez, mais uma informação de especialidade, mas já fica dada à Assembleia e ela não perde nada com isso.

Neste momento já não tenho mais inscrições para o debate na generalidade. Não sei se mais alguém deseja intervir ou prestar esclarecimentos.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional para as Finanças e Planeamento. Perguntava se é para uma segunda intervenção ou se é apenas para esclarecimentos, porque se for para uma segunda intervenção tem 10 minutos e se for para esclarecimentos apenas tem 3.

**Secretário Regional para as Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Sr. Presidente, Srs. Deputados:

Foram-me feitas algumas perguntas, agora se é dentro duma segunda intervenção, bom... eu terei que responder a algumas questões que me foram colocadas.

**Presidente:** Tem então a palavra para uma segunda intervenção e para o efeito conta com 10 minutos.

**Secretário Regional para as Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Fui questionado com algumas perguntas, obviamente legítimas, por parte de quem tem o direito à informação e dentro do possível, e com os elementos que eu aqui tenho, vou tentar responder o mais exaustivamente possível.

De qualquer das maneiras quero referir que o que está aqui em discussão é uma alteração a um documento. Não é propriamente a avaliação do grau de execução do Orçamento de 1998.

Relativamente a isto há os documentos legais e normais que são do conhecimento público e são publicados no Jornal Oficial e são mandados para a Assembleia.

Daqui a dias muito provavelmente seremos confrontados com uma apreciação muito mais rigorosa do grau de execução do Orçamento de 98 e da apreciação da nossa proposta relativamente a 1999. Aí, com certeza, novamente muitos destes assuntos virão novamente à baila.

De qualquer das maneiras queria responder a algumas questões concretas que me foram postas, nomeadamente pelo Sr. Deputados Eugénio Leal e que me questiona quanto ao reforço dos incentivos no turismo e se essa diminuição de 220 mil contos iria causar alguma perturbação na actividade normal da Secretaria, nomeadamente causando alguma inquietude na parte de alguns investidores que não pudessem receber estes incentivos, devo-lhe dizer, Sr. Deputado, que não vai suceder nada disto e que todos os investimentos a quem foi atribuído - eu ia dizer prometido, mas isto não é uma promessa, isto é um cumprimento duma obrigação legal por parte do Governo - bonificações ou incentivos não ficarão por receber.

Ao contrário do que poderia vir a suceder nesta outra rubrica que foi reforçada em 100 mil contos de incentivos, nomeadamente para fazer face aos SIRALA e SIRAPA e que estavam efectivamente com uma certa pressão sobre estas rubricas então orçamentadas e que houve necessidade de reforçá-las e precisamente aparece aqui o reforço de mais 100 mil contos para obviar essas pressões que já estavam a ser previsíveis, ainda não se efectivavam na prática, mas que eram previsíveis dado o grande afluxo de projectos de investimento que estavam a entrar no Governo.

Assim sendo, houve necessidade de reforçar isto, tal como também quando viermos aqui à Assembleia aprovar o Orçamento para 1999, os Srs. Deputados vão confrontar-se e vão constatar que entre a proposta inicialmente apresentada pelo Governo e aquela que vai agora dar entrada, esta sim, é que é a proposta do Governo, vai haver um certo reforço também destas rubricas, precisamente para obviar, digamos, esta pressão que já estava a visualizar-se no corrente ano.

Portanto, quanto a isto Sr. Deputado Eugénio Leal esteja tranquilo que não haverá nenhum investimento no sector do turismo e noutra qualquer nesta Região, a quem tenha sido atribuído subsídios ou incentivos, que não deixem de ser honradamente cumpridos pelo Governo. Quanto a isso, estamos todos tranquilos.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Era mesmo isso que eu queria ouvir!

**O Orador:** Quanto às receitas o Sr. Deputado também pergunta o grau de cobrança das receitas se estão, digamos assim, a corresponder àquilo que tinha sido orçamentado.

Posso-lhe dizer que estão a ser, Sr. Deputado, e tenho aqui elementos relativamente a Setembro já obtidos posteriormente à reunião que tivemos oportunidade de ter na sede

da Comissão da especialidade, onde também isto foi apreciado e posso-lhe dizer, por exemplo, relativamente ao IVA o grau de execução orçamental em Setembro era de 66,2% do total da receita arrecadada.

Isto é ideal? Se fosse duodecimalizada, isso corresponderia a 66,7% que era a ideal. Estamos a 66,2%.

Portanto, há um desfasamento mínimo e, aliás, o Sr. Deputado deve também constatar quando foi do Orçamento de 1997 o grau de acerto nas receitas fiscais previsto pelo Governo foi de quase 100%.

Nós estamos convencidos também que neste Orçamento de 1998 o grau de execução no capítulo das receitas fiscais será muito próximo dos 100%, e talvez até haja algumas em que exceda, o que quer dizer que as nossas previsões foram prudentes.

Quanto a matéria de IR, aí há mais alguns desfasamentos relativamente às previsões, mas desfasamentos estes que nas actuais circunstâncias são normais, porque é uma prática vinda do passado em que estes acertos, relativamente ao Imposto sobre Rendimento cobrado, são feitos ao longo do ano e, geralmente, no final do ano há um acerto reportado aos anos anteriores.

Devo dizer que o ano passado, no final do ano, a Região recebeu mais 2,4 milhões de contos de acertos de todos os meses anteriores. Este ano vamos certamente ser confrontados com uma situação semelhante e, daí que, por exemplo, no capítulo do IRS o grau de cobrança ou de recepção dessas receitas em Setembro seja inferior ao previsto.

Mas, no final do ano haverá acertos e que foi precisamente por o Governo ter constatado isto que já no próximo Sábado vai assinar um protocolo com a Secretaria de Estado dos Assuntos Fiscais precisamente para obviar isto e para garantir à Região um fluxo contínuo e constante da recepção destas receitas e o protocolo que vai ser assinado vai prever exactamente isto, ou seja, a Região vai passar, depois de assinar o protocolo, a receber todos os meses as receitas que efectivamente são devidas à Região e se tal não for possível vai receber a receita já corrigida do mês homólogo do ano anterior, acrescida da taxa de acréscimo prevista para as receitas fiscais no Orçamento da Região. Portanto, este protocolo foi assinado precisamente para dar continuidade e uma fluidez maior à gestão financeira da Região.

Portanto, creio que respondi duma maneira exaustiva a estas questões.

Quanto ainda às receitas das privatizações que também falou, que estariam orçamentadas em 1 milhão e 200 mil e que apenas neste momento tinham sido recebidos 135 mil contos, aí, Sr. Deputado, devo-lhe dizer que existe neste momento um desfasamento que é grande. De qualquer das maneiras devo dizer que a inserção desta rubrica no orçamento de 1998 obedeceu também a um critério político na sua quantificação, mas ajustado, dentro do possível, à realidade previsível na altura. E político porquê? Porque é a firme determinação deste Governo prosseguir na política de privatizações e, como tal, fez-se inscrever uma verba significativa e devo dizer, por exemplo, neste momento que, em matéria de participações no campo do turismo, o Governo já não tem nada, já privatizou tudo. Já privatizou duas empresas,...

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Eram as únicas!

**O Orador:** ... a GRACITUR e a CITURPICO que nunca tinham sido privatizadas até à altura. Foi este Governo que o fez, embora com um fracasso na primeira vez, mas na segunda conseguiu, dentro das obrigações que lhe competia e estão privatizadas.

É possível que até final do ano ainda haja mais alguma privatização, nomeadamente o Governo pretende - e já foi publicamente assumido - alienar mais uma tranche de capital do BCA.

Pretende também privatizar a TRANSMACOR.

Estes são dois processos que estão em curso e que poderá, qualquer deles, ainda vir a efectivar-se até final do ano. Não sei se será possível, mas se for possível as verbas estão lá previstas. Se isso não acontecer passaremos para o ano seguinte com a mesma diligência.

De qualquer das maneiras devo dizer que a alienação de mais uma parcela do capital do BCA, far-se-á quando as condições de mercado assim o permitirem, por forma a que a Região obtenha o máximo de benefício possível desta privatização. Não será privatizar por privatizar. Será, sim, privatizar com conta, peso e medida e prosseguindo os ideais e os objectivos fixados por este Governo e que estão a ser escrupulosamente cumpridos.

Creio que estas eram, no essencial, as questões postas pelo Sr. Deputado Eugénio Leal.

Quanto ao Sr. Deputado Alvarino Pinheiro, critica sobretudo as informações anexas a estas propostas de alteração orçamental.

Eu devo dizer, Sr. Deputado, que há diferentes níveis de apreciação:

- O plenário desta Assembleia que tem um grau de abstracção relativamente elevado, não se preocupa muito com o pormenor e faz uma apreciação mais política do que técnica, mais global do que pormenor.

- Ao nível das Comissões o grau de pormenorização é mais exigente e foi, efectivamente, aquilo que foi feito na Comissão a que eu fui e a que prestei todas as informações que me foram solicitadas e aquelas que na altura não sabia, fiz chegá-las mais tarde.

Foram-me postas questões concretas a que eu, na altura, não pude responder, mas que logo de seguida mandei os elementos de informação que me tinham sido pedidos, através do Sr. Presidente da Comissão que fez chegar, certamente, aos membros da mesma Comissão.

Se me tivessem sido feitas outras perguntas, nomeadamente se o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro tivesse estado presente na Comissão, eu teria prestado as informações que no momento tivesse disponíveis e aquelas que não tivesse disponíveis na altura apresentá-las-ia mais tarde, tal como fiz relativamente a estas perguntas que me foram postas pelo Sr. Deputado Eugénio Leal e que foram respondidas.

Quanto ao mais, não retive mais nada da sua intervenção a não ser o tom dramático de crítica ao Governo e que era mais próprio dos preliminares da apresentação duma moção de censura que nós continuamos à espera. Será agora? Será para o mês que vem? Sr. Deputado, nós aqui aguardamos tranquilamente, prestamos as informações que nos são solicitadas, dizemos aquilo que sabemos, podemos e temos na altura e, muito tranquilamente, Sr. Deputado, vamos cumprindo, dia a dia, mês a mês, ano a ano, o Programa do Governo que foi viabilizado por esta Assembleia.

Muito obrigado.

*(Aplausos das bancadas do PS e do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro para uma segunda intervenção.

**Deputado Alvarino Pinheiro (PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma intervenção curta, mas obviamente indispensável.

Sr. Secretário das Finanças, pessoalmente não tive possibilidade de estar presente nessa última reunião da Comissão de Economia, mas o Grupo Parlamentar do Partido Popular esteve lá representado e queria lembrar a V. Exa., não sei qual era a intenção da referência, de que, por razões que se compreendem, este Grupo Parlamentar tem a maior taxa de representação nas Comissões desta Assembleia, quer nas suas comissões permanentes quer nas suas comissões especiais, inclusive de inquérito e temos duas em curso.

Portanto, com a plena consciência de que o nosso grau de participação e de empenhamento ultrapassa o que, naturalmente, é exigido em média aos parlamentares nesta Casa e fazemos com muito gosto e com muito empenhamento.

Segunda e última questão:

Tranquilidade da vossa parte é que me parece que não existe, porque no meio desta matéria vir colocar aqui questões de moções de confiança... Não foi isso que falou!?

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento (Roberto Amaral):** Moção de censura!

**O Orador:** Ah!!!

*(Risos do PSD e PP)*

Eu penso que o Sr. Presidente do Governo já lhe deu, de certeza, um "beliscão", já lhe deu uma grande "canelada" e vou-lhe dizer porquê:

Porque vir colocar aqui a questão, neste momento, da moção de confiança ou, na falta dela, duma moção de censura, julgo que não estava na cabeça de nenhum de nós aqui, neste âmbito e neste debate, tratar dessas matérias. Agora, isto revela realmente a intranquilidade do Governo.

**Presidente do Governo Regional (Carlos César):** Mais tranquilidade do que esta não há!

**O Orador:** Qualquer psicólogo percebe logo que isto é um exemplo da intranquilidade do Governo.

Sr. Presidente, Srs. Deputados:

O Partido Popular não dramatizou coisíssima nenhuma, repito: o que pode haver é perturbação nas vossas cabeças e pelo seguinte:

O Partido Popular começou a sua intervenção a dizer que esta alteração é normal, era aguardada e é uma alteração simples no bom sentido da palavra.

É, por um lado, uma questão técnica, segundo o Sr. Secretário aqui explicou, e, por outro, é uma questão óbvia de criar uma dotação para ocorrer à situação imprevista do sismo.

Portanto, se o Partido Popular constitui a situação do sismo como base de introdução à sua intervenção na sua análise na generalidade ao documento, julgo que a partir daqui considerar dramático realmente...

Agora o Sr. Secretário, pela sua experiência, tem que reconhecer que o grau de informação aqui apresentado foi insuficiente e não se justifica que uma matéria com esta simplicidade os Srs. não preparassem elementos adicionais informativos ou um anexo informativo, que não veio, sobre essa questão.

Depois o Sr. Secretário entra por uma linha em que deu informações adicionais ao Sr. Presidente da Comissão. Não é minha intenção nem vamos aqui questionar o ilustre companheiro deputado, Presidente da Comissão da Economia sobre que elementos são esses, se chegaram ou não, mas eu não tive conhecimento desses elementos.

**Deputado Francisco Sousa (PS):** Estão aí!

**O Orador:** Chegaram agora?

Eu não tive conhecimento desses elementos. Se um colega deputado possui esses elementos, eu assumo aqui e acabou-se. É assunto encerrado.

Agora, eu não tenho conhecimento desses elementos e, por conseguinte, fiz e faço essas observações com esse princípio e mantenho o entendimento, porque o mantenho há 22 anos nesta Casa e os Srs., muitos deles, felizmente, são testemunho disso, de que nessas matérias cabe ao Governo trazer a proposta fundamentada e com o grau de informação que esta Assembleia necessita.



Portanto, independentemente de vir dando elementos, permitam-me a expressão a "saca rolhas", como deu aqui em relação às questões que o Sr. Deputado Eugénio Leal levantou, isso não dispensa esta crítica e a incoerência com a nossa actuação aqui e é uma crítica veemente, porque era incompreensível e, portanto, não prescindimos deste tipo de comentário, porque nos parece que estamos defendendo o interesse e a exigência do Parlamento perante um Governo que tem que dar informação pormenorizada e fundamentar a sua proposta.

Era este esclarecimento que queria dar às observações do Sr. Secretário.

Sr. Presidente, queria dizer também que o Partido Popular terá uma postura de abstenção sobre esta matéria por razões óbvias, porque o Partido Popular votou - e alguns dos Srs. devem se lembrar disso - contra o Plano e contra o Orçamento de 98, que não é da nossa responsabilidade.

Portanto, reconhece e reconheceu aqui a oportunidade técnica de fazer-se a alteração e, coerentemente com a sua posição, assume a abstenção no sentido de que achamos que o Governo deve ter o instrumento que considera necessário para ultimar os compromissos que existem em relação ao fim do ano.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Eugénio Leal para uma segunda intervenção.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, Sr. Secretário Regional, há aqui uma questão de princípio que já discutimos na Comissão, mas que vou referi-la de novo, porque o Sr. Secretário é que fez referência a ela, que é a questão de na revisão do Orçamento o Sr. Secretário entender apenas que se devem discutir as alterações que são feitas.

Eu entendo que não é assim, mas que devem ser analisados todos os pontos e todas as rubricas que entendermos ser convenientes, porque, ao fim e ao cabo, embora não haja alteração global e de princípios deste Orçamento, a verdade é que vai sair daqui um Orçamento diferente.

Também vai sair daqui, a partir de Outubro ou a partir da sua aprovação e da publicação, o Orçamento que contém as receitas que vão servir de base à cobertura das despesas, ou seja, se nós neste momento sabemos exactamente que já haverá da parte da

receita um montante significativo que não vai ser arrecadado, não faz sentido que se continue com as mesmas despesas.

Eu faço recordar a esta Casa que nos tempos do PSD chegámos a fazer aqui uma revisão do Plano e do Orçamento em baixa, ou seja, a determinada altura o governo entendeu que não tinha receitas suficientes e veio fazer aqui uma revisão em baixa.

Portanto, o Governo se verifica que não tem receitas suficientes para cobrir as despesas, então deveria fazer uma revisão. Quero dizer com isto que não vamos estar só aqui a alterar as situações que são propostas.

O Sr. Secretário Regional deu-me esclarecimentos que registei sobre algumas das situações que tinha colocado, nomeadamente às transferências e que, tal como disse, o objectivo que pretendia era muito claro, mas se há programas onde vão ser anuladas importantes verbas, é importante que nós saibamos se vão ou não ser cumpridas as acções que estavam inicialmente previstas. Não tem absolutamente nada de mal, é apenas para que a gente se esclareça e que fique sabendo, também para que no futuro isso não sirva de desculpa do Governo para mais tarde vir dizer, como já diz, que esta, aquela e aquela outra acção não são feitas porque as verbas foram para o sismo. Até se calhar, nessas que disse concretamente, pode ser que seja verdade e que assim seja.

Portanto, as questões que eu coloquei foram exactamente nesse sentido, para que haja uma clarificação de saber o que é que não foi executado, porque foi transferido para o sismo e porque é urgente e fundamental e ninguém põe isso em causa, e aquilo que não será executado por outra razão qualquer. Pura e simplesmente este esclarecimento.

De qualquer forma, Sr. Secretário, ficou-me uma dúvida numa questão que o Sr. não referiu, que eu julgo fundamental, que é a contabilização dos donativos já recebidos resultantes do sismo.

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Já mandei para a Assembleia!

**O Orador:** Está na Assembleia?! Eu vou dizer como o Sr. Deputado Alvarino Pinheiro disse: "ainda não me chegou papel nenhum", mas gostaria de saber a que documento é que o Sr. Secretário se refere?

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Não é os donativos do sismo?

**O Orador:** Recebidos este ano.

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): E não estão orçamentados?!

**O Orador:** Sr. Secretário, não estão nesta revisão. Não sei se o Sr. Presidente da Comissão de Economia terá recebido alguma informação sobre a contabilização dos donativos recebidos em 1998. Portanto, não estão contabilizados neste Orçamento e então há aqui uma questão de fundo.

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Há sim Sr. e eu já esclareço.

**O Orador:** Pronto, oxalá que sim.

Aproveitando a minha intervenção é preciso que fique aqui esclarecido, - e eu não estou pondo em dúvida a questão do Governo estar a utilizar o dinheiro para outro lado e quero que isso fique aqui bem claro - se os donativos já recebidos este ano estão ou não contabilizados, como obrigam as regras da Contabilidade Pública.

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Aí é que se engana!

**O Orador:** Vamos ver. Vou ouvir a sua explicação.

**Deputado Fernando Meneses** (*PS*): Pode vir mais ainda.

**O Orador:** Podem vir mais, Sr. Deputado. Aí eu estou totalmente de acordo e é possível ainda haver nova revisão do Plano e que pode vir até final do ano ou até Janeiro. Pode sim senhor.

**Presidente do Governo Regional** (*Carlos César*): Até pode entrar uma hoje!

**O Orador:** Agora, o que não faz sentido e o que eu pergunto é por que é que as que até agora já foram recebidas não estão reflectidas nesta revisão ao Orçamento?

**Presidente do Governo Regional** (*Carlos César*): Ainda vão chegar mais!

**O Orador:** E vão chegar até ao dia 31 de Janeiro e oxalá que cheguem muitas.

**Secretário Regional da Agricultura, Pescas e Ambiente** (*Fernando Lopes*): Está aqui, chegou hoje!

**O Orador:** Agora, o que eu estou perguntando é se se está a fazer uma revisão neste momento, por que é que elas não são contabilizadas neste Orçamento?

Esta questão que para mim é fundamental. O Sr. pode ter justificação, mas vamos ver.

De qualquer forma queria apenas registar que, relativamente aos esclarecimentos do Sr. Secretário Regional, não fez qualquer referência às críticas que eu fiz relativamente às despesas, - é verdade que eu não fiz perguntas - e quero também registar que não refutou as críticas que fiz relativamente aos excessos em algumas rubricas de despesas correntes.

Para terminar, gostaria de fazer apenas uma pergunta ao Sr. Secretário:

Na sua intervenção do ano passado, aquando da discussão e aprovação do Plano de 98, a determinada altura o Sr. referiu: "mas o Orçamento para 1998 é também um Orçamento de rigor elaborado em função da execução previsível de 97 e também das propostas apresentadas pelos vários departamentos do Governo Regional, que muito responsabilmente assumiram um esforço de contenção notável".

Eu pergunto ao Sr. Secretário se, face às despesas correntes de aquisição de bens e serviços e em capital da aquisição de bens, continua a achar que, com taxas de crescimento daquela natureza, continua a haver uma contenção e um rigor na execução das mesmas?

**Deputado José Maria Bairos (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional das Finanças e Planeamento.

**Secretário Regional para as Finanças e Planeamento (Roberto Amaral):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

É com muito gosto que respondo às questões postas agora pelo Sr. Deputado e tenho muito gosto porque elas vêm exactamente no cumprimento daquilo que está a ser feito pelo Governo e que foi aprovado nesta Assembleia.

As aquisições de bens de capital vão se cingir estritamente ao que foi aprovado e se não estou em erro era um crescimento muito reduzido ou muito próximo do zero.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** 13%!

**O Orador:** O quê?

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** A aquisição de bens de capital!

**O Orador:** Está no orçamento?

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Está neste documento que o Sr. Secretário nos entregou!

**O Orador:** Eu não mexi no orçamento em funcionamento. Eu apenas retirei das despesas de funcionamento 34 mil contos para processar o Plano.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Desculpe, Sr. Secretário. O Sr. tem na aquisição de bens de capital mais 13%.

**Presidente:** Sr. Deputado, chamo a atenção para não estabelecerem diálogo, se não ficamos sem Regimento.

O Sr. Secretário pode continuar.

**O Orador:** A única alteração que houve nas despesas de funcionamento, foram 34 mil contos que saíram dessas despesas para vir para as despesas do Plano.

Se há aí um número qualquer superior é uma gralha de dactilografia, porque o que está posto a esta Câmara são as alterações que estão em discussão e que foram apreciadas na Comissão.

Apenas mexe no Plano, cria-se um projecto novo e as despesas de funcionamento até diminuem.

O que foi proposto vai ser gasto e o que será proposto para o próximo ano vai continuar a ser o crescimento negativo, em termos nominais, no total das despesas de funcionamento, o que há-de ser aprovado.

O esforço de rigor, de contenção, enfim, toda essa transcrição que o Sr. Deputado fez o favor de transmitir agora, eu subscrevo-a na totalidade e vou fazer o mesmo para o Orçamento de 1999. São estes os princípios que nós, desde o início, estamos a seguir.

Quanto à outra observação que o Sr. Deputado fez, esta é mais de natureza técnica.

O Governo não tem que estar a contabilizar, dia-a-dia, no orçamento, através de alterações ao orçamento, os donativos do sismo, porque esses donativos estão a ser contabilizados em contas de ordem e que, como contas de ordem que são, podem ser sempre recebidas independente dos montantes estarem orçamentados ou não.

Faço aqui a leitura do artigo 15.º do Decreto Regional que, cujos normativos presidem à elaboração do orçamento, diz o seguinte:

"Efeito dos orçamentos das receitas

1. Nenhuma receita poderá ser liquidada ou cobrada, mesmo que seja legal, se não tiver sido objecto de inscrição orçamental.

2. Exceptuam-se do número anterior as receitas atribuídas à Região, ou pelos menos arrecada para fins específicos."

Portanto, são as contas de ordem, como contas de ordem que são, não têm nada que estar previstas no Orçamento. Elas são contabilizadas em contas de ordem e todos os recebimentos são contabilizados nessa conta e já foi — não sei se já chegou ou não a esta Assembleia — dada informação de todos os donativos recebidos até ao dia 15 deste mês.

No ofício de remessa, se a memória não me falha, creio que já foi feita referência, mas se por acaso não foi, no dia 16 já foi recebido mais um.

Neste momento, há mais donativos que estão a entrar e periodicamente a quantificação e a indicação destes donativos serão dadas à Assembleia Regional.

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Deputado Eugénio Leal.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Secretário Regional:

O senhor vai desculpar que lhe diga, mas tenho a impressão que ainda não domina bem os elementos finais, pelo menos em relação ao Orçamento, nomeadamente os mapas que nos são entregues.

Sr. Secretário:

No orçamento de 98, a aquisição de bens de capital (mapa III) — não sei se tem o orçamento de 98?

*(Pausa)*

Não tem? Mas vai confiar naquilo que eu vou ler — diz o seguinte:

"Despesas de capital - 07.00.00

Aquisição de bens de capital - 224.406 contos"

Neste mapa III - julgo que tem este - despesas de capital, na mesma rubrica e na aquisição de bens de capital, temos 253.399, ou seja, mais 13%. Está aqui o de 98 e este que o senhor nos dá onde há uma diferença de mais de 28 mil e o senhor diz que não mexeu em nada disto.

Estes são os elementos que o senhor nos deu.

Já houve aqui a crítica que havia menos elementos, mas pelo menos estes deu-nos e eles estão aqui.

Posto isto, e quanto à questão das receitas do sismo, Sr. Secretário Regional das Finanças, apenas fiz uma pergunta e não disse que os donativos do sismo deveriam, obrigatoriamente, estar inscritos numa das rubricas do orçamento, ou seja, das receitas correntes ou das receitas de capital, mas as de capital são correntes.

O que eu acho, e aí posso concordar consigo, é que já que vão para as contas de ordem, que pelo menos estejam nessas contas ou na consignação de receitas, Sr. Secretário. Não estão.

Os donativos do sismo poderiam estar e deveriam estar em contas de ordem nesta revisão ou então na consignação de receitas. O senhor não me venha com questões técnicas. Esta é que é a técnica.

Há o princípio da universalidade — e o senhor sabe muito bem isso — que diz claramente que todas as receitas devem ser inscritas no orçamento.

Não é obrigatório que vão para a rubrica a que vão ser destinadas nesse orçamento. Isso é correcto.

Porém, ou vão para contas de ordem ou vão para consignação de receitas, muito claramente. Esta é uma regra fundamental e é uma regra que quando se aprende economia, Sr. Secretário, chama-se "regra de ouro da contabilidade pública", como na contabilidade geral há o princípio da especialização dos exercícios que é o correspondente.

Isto é uma regra de ouro! Não sabe contabilidade quem não sabe isto, com o devido respeito.

Quanto a esta questão, nós entendemos que é uma lacuna desta alteração, ou seja, os donativos do sismo arrecadados até à data em que é proposta a revisão, tinham que estar aqui obrigatoriamente. Não estão.

É uma lacuna e é uma lacuna técnica; é uma lacuna grave e política, porque não são respeitados os princípios do orçamento.

Nós estamos de acordo em que é necessário fazer as alterações do plano pelas razões que já foram aduzidas.

No entanto, há questões das quais nós não nos podemos calar. Nós temos que dizer isto claramente, porque depois não queremos ser, mais tarde, responsabilizados por essa situação.

**Deputados Victor Cruz e António Meneses (PSD):** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai.

**Deputado Augusto Elavai (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas para prestar um pequeno esclarecimento ao Sr. Deputado Eugénio Leal.

No mapa III, na alteração que é proposta pelo Governo, sobe em 34 mil contos as despesas do Plano. Como já foi referido sobem 29 mil contos a aquisição de bens de capital e reduz-se em 63 mil contos as despesas correntes.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Eu não disse o contrário!

**O Orador:** Isso são transferências internas, Sr. Deputado Eugénio Leal, e como são transferências internas, não têm que vir na alteração do orçamento.

A Assembleia não tem que votar as tais transferências internas.

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional das Finanças e Planeamento.

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento (Roberto Amaral):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Deputado Eugénio Leal:

O que está em causa nesta revisão orçamental é apenas e exclusivamente aquilo que foi proposto a esta Assembleia.

Se existe algumas alterações entretanto verificadas em algumas rubricas relativamente ao orçamento inicial, elas foram feitas dentro dos limites de competência do Governo.

Repetindo novamente o problema ou a questão da contabilização dos donativos do sismo, eles estão a ser contabilizados, dia-a-dia, à medida que são recebidos.

Não tem nada que constar desta proposta de alteração orçamental, porquanto a própria lei que preside à elaboração dos planos não o exige. Antes, permite que em contas de ordem e em receitas consignadas não seja necessário fazer as suas previsões, o que seria manifestamente impossível nós estarmos a quantificar e aferir o grau de solidariedade dos nossos semelhantes que connosco querem colaborar e que dão donativos para o sismo. Isso é impossível. Seria uma rubrica alienatória a 100%.



No entanto, quando são recebidos são inscritos e como têm fins consignados são destinados única e exclusivamente para os fins que foram determinados pelas pessoas que deram esses donativos.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Eugénio Leal.

**Deputado Eugénio Leal PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Augusto Elavai:

O Sr. vem para aqui dizer que apenas houve alterações de umas rubricas e que sobrou 62 mil contos e que isso não tem nada a ver para aqui.

Sr. Deputado, eu fico estupefacto!

Se o Orçamento, no mapa II, tinha em aquisição de bens de capital 224 mil contos, e se agora vai ficar com 253 mil contos, vai ou não haver uma alteração?

O Governo fica ou não fica autorizado a gastar 253 mil contos ou fica sempre com os 224?

Sr. Deputado e Presidente da Comissão de Economia - peço desculpa fazer esta referência:

A Proposta de Decreto Legislativo que a gente vai aprovar, no seu artigo 1.º, diz o seguinte:

"Alterações orçamentais

Os mapas I a IV, publicados em anexo ao Decreto Legislativo, são alterados nos termos constantes dos mapas publicados em anexo ao presente diploma do qual fazem parte integrante".

A gente vota mapa a mapa!

O Sr. vem agora me dizer que não houve alteração?!

Sr. Deputado, eu peço desculpa, mas há, de facto, uma alteração.

Relativamente à questão do sismo, de uma vez por todas, Sr. Secretário das Finanças, ninguém põe em dúvida que o Governo está a contabilizar dia-a-dia, ou hora a hora, os donativos que vai recebendo. Ninguém põe isso em dúvida.

Ninguém põe em dúvida que o Governo vai aplicar essas verbas nos estragos do sismo.

Ninguém põe isso em dúvida.

Porém, o que eu ponho em causa, é que as receitas já arrecadadas devem estar aqui consignadas neste Orçamento, porque é uma situação nova.

O senhor sabe, até ao dia em que propôs esta revisão que foi aprovada em Conselho de Governo, exactamente quanto é que tinha.

Se não quiser fazer uma previsão e que não se deve fazer levar a determinadas contas, ponha exactamente o montante que pôs em contas de ordem ou em consignação das receitas. É isto que está em causa.

É para isto que eu ainda não obtive resposta e que por mais esclarecimentos que o Sr. Secretário me venha dar, dizendo que está contabilizando dia-a-dia, eu não vejo resposta para esta lacuna do orçamento.

Finalmente, e não sei se esta será a minha última intervenção como esclarecimento, eu gostaria de dizer que o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata vai-se abster nesta votação, em primeiro lugar por uma questão de coerência - faço recordar que o Plano de 1998 foi justamente essa mesma posição que o Partido Social Democrata tomou -, em segundo lugar, porque também concorda que as alterações que o Governo propõe, devem ser para o seu normal funcionamento salvaguardada esta questão, que considero de fundo, relativamente à questão da contabilização das receitas do sismo.

A nossa posição é uma posição de abstenção.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Augusto Elavai para esclarecimentos.

**Deputado Augusto Elavai (PS):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Eugénio Leal:

Vamos esclarecer uma coisa e escusa de enervar-se assim tanto.

Se não houvesse esta alteração proposta pelo Governo, é ou não verdade que não era necessário vir a esta Assembleia com esta alteração dos tais mais 29 mil contos de aquisição de bens de capital e os menos 29 mil contos perante despesas correntes?

É ou não é competência do Governo poder fazer estas transferências internas sem vir à Assembleia?

Se é, estamos entendidos.

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado Eugénio Leal.

**Deputado Eugénio Leal (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Augusto Elavai:

Se foi a Assembleia que aprovou o mapa III, julgo eu, mas não sou jurista, que só a Assembleia é que tem competência para alterar o mapa III. É tão simples como isto.

Se foi a Assembleia,, pelo Decreto Legislativo Regional 26-B/97/A, de 30 de Dezembro, que aprovou o mapa III, pelos conhecimentos que tenho jurídicos, só esta Assembleia é que pode alterar o mapa III.

**Presidente:** Para esclarecimentos tem a palavra o Sr. Secretário Regional das Finanças e Planeamento.

**Secretário Regional das Finanças e Planeamento** (*Roberto Amaral*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Deputado Eugénio Leal:

Quanto às receitas consignadas, apenas lhe faço notar outra vez que isso está previsto no artigo 15.º do Decreto Legislativo Regional 3/78/A e foi precisamente no estrito cumprimento deste decreto, que isto está a ser contabilizado desta maneira.

**Deputado Eugénio Leal** (*PSD*): A legislação esclarece isso!

**O Orador:** Se dúvidas houver, o Tribunal de Contas depois dirá e então depois havemos de ver quem tem razão.

Muito obrigado.

**Presidente:** Não havendo mais inscrições, vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com este diploma na generalidade, façam o favor de se manter como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A Proposta de Decreto Legislativo Regional foi aprovada com 22 votos a favor do PS, 1 voto a favor do PCP, 18 votos de abstenção do PSD e 3 votos de abstenção do PP.

**Presidente:** Vamos passar à discussão na especialidade. Se houver acordo, vamos discutir os dois artigos que constam no diploma, o 1.º relativo às alterações orçamentais incluindo a alteração orçamental que foi proposta pelo PS e há pouco referida.

Esta aberta a discussão desses dois artigos.

*(Pausa)*

Parecendo não haver intervenções vamos passar à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com o artigo 1.º, que inclui os mapas de I a V, e com o artigo 2.º, façam o favor de se manter como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** Os artigos 1.º e 2.º foram aprovados com 23 votos a favor do PS, 1 voto a favor do PCP, 20 votos de abstenção do PSD e 3 votos de abstenção do PP.

**Presidente:** Vamos passar à votação final global.

Os Srs. Deputados que concordam em votação final global com a Proposta de Decreto Legislativo Regional - alteração ao Orçamento de 1998, façam o favor de se manter como se encontram.

Os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** O diploma foi aprovado em votação final global com 23 votos a favor do PS, 1 voto a favor do PCP, 20 votos de abstenção do PSD e 3 votos de abstenção do PP.

**Presidente:** O diploma aprovado fica entregue, para redacção final, à Comissão de Economia, Finanças e Plano.

Vamos votar a última resolução deste período legislativo, que diz o seguinte:

"A Mesa da Assembleia Legislativa Regional dos Açores propõe que a Assembleia declare findo o período legislativo de Outubro".

Os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como se encontram.

**Secretário:** A Proposta de Resolução foi aprovada por unanimidade.

**Presidente:** Boa tarde e até Novembro.

*(Eram 13.20 horas)*

*Deputados que entraram durante a Sessão:*

***Partido Socialista (PS)***

Manuel **Herberto da Rosa**

***Partido Popular (PP)***

**Alvarino Manuel Meneses Pinheiro**

*Deputados que faltaram à Sessão:*

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Berta** Maria Correia de Almeida Melo **Cabral**

**Jorge** Manuel Leão Themudo **Valadão dos Santos**

---

**O Redactor de 1.<sup>a</sup> Classe, *José Robrigues da Costa***